

Fazenda Quixaba

Gildo Dantas de Souza



Programa
Cultura da Gente



**CENTRO CULTURAL
BANCO DO NORDESTE**

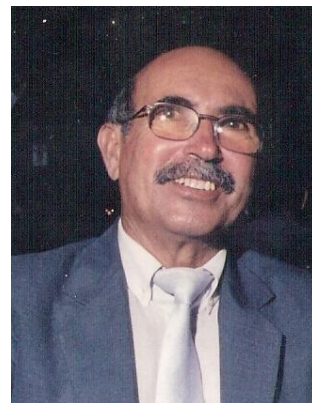
Orelha do Livro “Fazenda Quixaba”

Dizem que sou saudosista, isto, sem dúvida, em face desta mania renitente que tenho em evocar o passado, em debulhar lembranças, em manter presentes recordações que as pessoas menos sentimentais deixam-nas repousadas nos recônditos insondáveis do esquecimento, como se apenas o presente e o futuro importassem no acervo existencial de cada pessoa.

Mas como olvidar tudo isto se as saudades, lembranças, recordações, estão intrinsecamente ligadas às nossas vidas? A abstração e a realidade são tão próximas uma da outra que às vezes fica difícil de terminarmos onde começa uma, onde outra termina.

Acreditando, pois, na interdependência destes dois termos da concepção humana é que valorizo muito as ocorrências passadas porque as concebo como uma projeção para as realizações porvindouras. A experiência bem sucedida nas dá respaldo para uma incursão segura ao futuro com probabilidade de acerto e sucesso.

Assim, orientado pelas minhas convicções, resolvi trazer à lume mais um livro: “Fazenda Quixaba”, que traduz os usos e costumes da vida campestre no Sertão da Bahia, onde é retratada com fidelidade a convivência de um adolescente sonhador com as insertas perspectivas de um futuro alentador, ameno e seguro, como soi acontecer com a maioria absoluta de quantos ali viveram na época focalizada nesta Obra – década de 40 do século XX.



DEDICATÓRIA:

Dedico este livro aos meus netos, LEONARDO, VICENTE, STEPHANIE, PEDRO, LUIZ ALBERTO, LUCCA e ALICE, não com a pretensão de oferecer a eles uma obra literária nutrida de sapiências onde pudessem eles aurir ensinamentos e se deleitar com narrativas dantescas, pintadas em telas multicoloridas, onde os sonhos vagueiam ao sabor da imaginação. Não, este livro é a imagem da minha infância e juventude vividas na Fazenda Quixaba, com meus pais e avós, fase de onde tirei essas reminiscências das quais me orgulho muito por terem constituído elas a base fundamental da minha vida e por isto posso mostrar aos meus descendentes que a dignidade, a honestidade e o caráter podem brotar da simplicidade, humildade e perseverança sem que para isso necessitemos buscar caminhos e meios que não sejam os da verdade e do amor para cumprirmos a missão que nos foi reservada por DEUS.

O Autor.

APRESENTAÇÃO

Fazendo uma incursão retrospectiva à longínqua década de 40 do século passado, vou reviver uma época de vida e costumes tão diferentes da realidade atual a ponto de imaginar que vivi ali as delícias e encantamentos dos contos de fadas, onde os príncipes, as princesas, os magos, as megeras, os duendes e todas as entidades fabulosas que enfeitaram o mundo da fantasia eu as via retratadas naquela gente simples nas laboriosas que dava sentido e magnitude à existência pacata da "Fazenda Quixaba" e das regiões circunjacente que viveram por longos tempos em função da prosperidade que essa velha fazenda experimentou por mais de um século, desde quando eram dono daquele latifúndio os pais da matriarca Mariana Dantas, esposa de José Lino de Souza, que viveram até os anos 60 do século passado, quando então suas terras foram divididas entre os herdeiros e fragmentadas depois em pequenas propriedades, nada sobrando hoje que caracterize a lembrança da pujante fazenda que outrora ali avultava.

Entretanto, em que pese o tempo decorrido desde a minha meninice ali vivida até os dias atuais, não me parece que aquela vida já vai tão distante, pois as lembranças adejam festivas e ressuscitam saudades amenas que embalaram meus sonhos de criança e me fizeram feliz.

Pois, essas recordações que ainda trago na memória é um culto ao passado que transcorreu em uma das melhores quadras da vida – a juventude – e que me estimularam a escrever este livro – Fazenda Quixaba – humilde homenagem que faço aos pósteros daquela gente heróica lá do Sertão, aonde também vivi e sofri com ela as vicissitudes com que nos penaliza a vida sertaneja, paralelamente com as infinitas alegrias que nos proporciona, enchendo de fé e crença a nossa alma e de amor e sonhos os nossos corações.

De tempo, viagem e memória

Esses anos da minha primeira infância não mais estão em mim, são exteriores, deles nada posso tirar a não ser pelo que contamos outros, como se dá com as coisas que sucederam antes de nascermos. *Marcel Proust*

A despeito da perseguição tenaz ao conhecimento empreendida pelo homem nestes milênios de história sobre a Terra, o vasto mundo em que vivemos criados por Deus ou surgidos na grande explosão, continua ainda hoje coalhado de insondáveis, sedutores mistérios.

A viagem no tempo é um dos palpítes enigmas que a ciência em suas mais distintas teorias tenta sem sucesso compreender e a ficção, naturalmente livre e delirante, se esbalda em discutir.

Se a mecânica quântica ainda engatinha e hoje (ainda) é impossível adquirir na concessionária mais próxima a De Loreau que nos leve aos anos dourados do passado ou ao futuro promissor, resta-nos empreender esta fantástica excursão a bordo de outro veículo, um tanto prosaico, mas nem por isso menos poderoso: a nossa própria memória, que para Aristóteles pertence a uma parte da "alma" na qual se destaca a imaginação.

Assim é certo pensar que a memória do passado existe na medida em que o reinventamos, amalgamando-o com a matéria das recordações verdadeira e das nossas subjetivas impressões.

Mais que simples relato das suas vivências de infância em família e em comunidade, o autor constrói em **Fazenda Quixaba**- painel quase antropológico das profundezas do Brasil rural – um verdadeiro portal do tempo, tamanha a força em nos transportar para outra era, já remota e, agora, felizmente não mais esquecida nos desvãos dos anos.

A cada página, cenários, caminhos e costumes até então perdidos são aqui recriados. E o que é mais fantástico: ao empreendermos essa viagem ao universo pessoal do autor (a sua infância, especificamente), levados pelas mãos do pequeno narrador Vicente, revolvemos as nossas mais longínquas lembranças e penetramos profundamente o nosso próprio passado.

E é neste ponto que a obra em sua singeleza ganha uma dimensão da maior importância.

Como numa experiência eminentemente proustiana, se deixarmos-nos levar encontraremos certamente nos esconsores corredores mentais as nossas próprias *madeleine*s, entregues a música do tempo, este “compositor de destinos”, estaremos cara a cara com o nosso Eu – não aquele que idealizamos ou pensamos ser, mas aquele que temos sido desde sempre.

E dessa oportunidade podemos fazer bom proveito.

Euler José Pires Dantas

ÍNDICE

Dedicatória
Apresentação
De Tempo, Viagem e Memória
Manhãs Sertanejas
Origens da Fazenda Qixaba
Os Primeiros Tempos
O aprendizado e os Passeios
As Festas do Zonguê
A Quaresma
As Santas Missões
As Visitas das Tias
As Secas no Sertão
As Taipas e os Pagodes
A Escola de Dona Tonica
A Cultura de Cordel
As Farinhadas
As Feitas de Fumo
A Vida Social do Sertanejo
As Feiras de Betânia
O Emprego do IBGE
As Boiadas de Seu Zé Lino
Dinha, a Mãe de todos
A Assistência Médica no Sertão
Os Mestres de tudo
João de Dona
O Adeus à Fazenda Quixaba
Glosário



Seu Zé Lino de Souza Filho
e Dona Mariana Dantas do Espírito Santo



Seu Enock e Dona Noélia



Vicente 1 ano de idade



Vicente 2 Anos de idade

Vicente e os Irmãos Carlos, Zezé, Evilásio



Vicente atrás e os Irmãos Élio, Zezé, Carlos, Evilásio e Neusa



Móveis e Utensílios da Fazenda Quixaba



Cômoda



Roupeiro

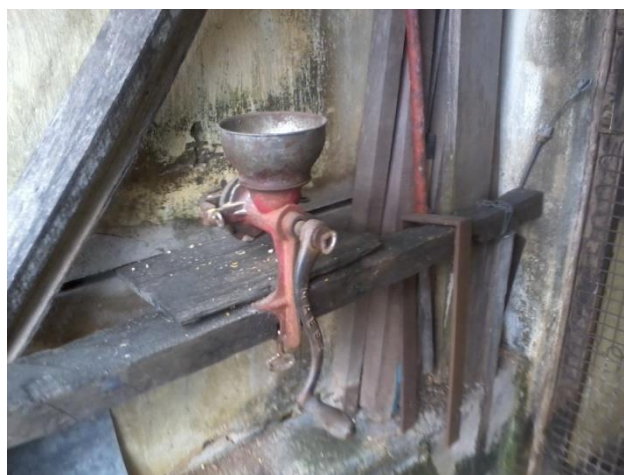


Rede



Fogão a Lenha

Moinho



MANHÃS SERTANEJAS

Lá no Sertão, o alvorecer é um prelúdio de sonhos que evolui num concerto inefável, tangidos pelos harmoniosos gorjeios e trinados da passarada canora que enche a natureza de encanto e vida com seus acordes enternecedores; é um despertar festivo para um apoteótico intróito às manhãs sertanejas que despertam preguiçosamente para o labor quotidiano do camponês; e o dia se levanta como sempre, modorrento e cálido, numa mesmice tediosa e inexorável como se a natureza ali não tivesse pressa e a mutação das coisas se efetuasse tão lentamente que o homem não chegava a perceber as mudanças no seu próprio ambiente e na sua própria vida; e quando o Sol a pino uma suave viração começa a soprar prenunciando a aproximação das tardes que normalmente chegam úmbrias, calmas e silenciosas, cheias de sonhos e esperanças para o sertanejo que moureja a terra no afã de um futuro melhor; tardes dadivosas, tardes de amor, onde a fantasia e a realidade se fundem, se mesclam se unificam para que o homem em sua singeleza ingênua ganhe ânimo no alentado seio da esperança, arrimo de quantos labutam naquele Sertão e demonstram a magnitude de sua fé, quando se descobrem e rezam, persignando-se ao sentir a aproximação da Ave-Maria; e naquela austeridade do ângelus, naquela hora de recolhimento e paz, parece que o homem fica mais perto de Deus.

Cai finalmente à noite um silencio misterioso envolve a natureza e no aconchego familiar todos descansam num refestelar de ânimos para reatarem a luta costumeira tão logo Céu se ilumine aos primeiros raios da Alvorada; e a rotina somente interrompida por algum acontecimento de maior relevância como um folguedo de fim de semana, casamento, nascimento ou morte de algum vizinho, ou ainda comparecimento às feiras populares no Povoado mais próximo onde se fazia o suprimento de víveres de primeira necessidade. Afora esses motivos, raríssimas eram as vezes que a forma de vida do sertanejo sofria alteração. Mas nem sempre a vida do sertanejo teve este ritmo pacato e atávico que apresenta aos olhos dos estudiosos da Sociologia. Antes disso, os donos da terra, os descendentes dos Tupinambás e Tupiniquins, índios das tribos Caimbés, hoje já extinta e dos Kiriris que ainda sobrevivem aculturados em algumas Aldeias esparsas pelo interior do sertão norte da Bahia como é o caso da Aldeia de Mirandela no município de Ribeira do Pombal, transformada em reserva indígena, que hoje é uma sombra triste e melancólica que outrora constituiu uma sociedade organizada, com suas leis, usos e costumes que embora em estado primitivo já desenvolvia atividades humanas capazes de dar suporte a uma sobrevivência estável, através da coleta de frutas e raízes, da caça e da pesca, além de ter a natureza como base para seus cultos religiosos. Afora essa mínima sobrevivente de um povo, restou apenas a miscigenação favorecida pela libertinagem que campeava à solta desde o início da colonização, envolvendo sem reservas colonizados e colonizadores, não somente europeus e nativos, mas também africanos importados para a implementação da mão-de-obra nas lavouras e em outras atividades próprias dos latifúndios que se estabeleceram em todo País naquela época e com maior ênfase na região nordestina entre a Bahia e Paraíba. Assim o povoamento da terra se fez mais rápido com o cruzamento desregrado das três raças, favorecendo o surgimento de sub-raças como o mameluco, o cafús, o caboclo, o mulato e outras variantes dependentes do cruzamento feito. Conseqüentemente, com toda essa mistura racial que se operou desde os primórdios da colonização, o resultado foi o surgimento de uma nova espécie de gente, muito bem definida por Euclides da Cunha em “Os Sertões” como “Sertanejo”. Gente com características particulares bem definidas e qualidades singulares que não se encontra em nenhum lugar fora do Nordeste brasileiro, dado as peculiaridades da terra, do clima, da flora, da fauna e de outros fatores naturais existentes no sistema ecológico dessa região.

Foi, pois, para esse ambiente que em 1940, Vicente e seus pais emigraram de Sergipe para a Bahia, vindo fixar residência na Fazenda Quixaba, no município de Cícero Dantas, com

seus genitores que já bastante avançados em idade necessitavam de um braço forte que os ajudasse na manutenção da velha propriedade já em decadência, mas que ostentava ainda em seu aspecto geral resquícios da prosperidade que experimentou em épocas passadas, quando da fase produtiva de seus donos. Chegou ali no mês de novembro, época das chuvas torrenciais no Sertão; ele com quatro anos de idade, não tinha consciência plena das transformações que a sua vida iria experimentar naquelas paragens; entretanto, seus pais tiveram de mudar radicalmente o conceito e modo de vida para se adaptarem aos costumes da Terra. Vindos de uma cidade relativamente desenvolvida como era estância, em Sergipe, onde trabalhavam na Fábrica de Fiação e Tecelagem Santa Cruz, apesar de levarem vida humilde viviam habituados com as vantagens citadinas que uma Fazenda do Sertão jamais poderia oferecer.

No propósito talvez de amenizar o impacto que uma mudança dessa iria causar a todos, os senhores José Lino e Mariana Dantas que tinham ainda em sua companhia uma sobrinha Domitila a qual haviam criado desde os onze anos de idade, faziam o possível para deixar todos à vontade, o que iria proporcionar uma assimilação mais rápida no ritmo da nova vida que estavam iniciando.

Foi um teste penoso para "Seu" Enock e Dona Noélia que inicialmente, para assegurarem a sobrevivência sem onerar demais o sistema de vida dos velhos fazendeiros, investiram os minguados recursos que haviam amealhado em Sergipe, na aquisição de mercadorias para suprimento de uma pequena Quitanda que iria abastecer a vizinhança. Foi uma iniciativa que deu certo e em poucos meses o pessoal da redondeza já se abastecia ali com certa regularidade, dando razoável estabilidade ao negócio, apesar dos prejuízos que ocorriam com o crediário que se praticava com alguns fregueses. Complementando essa atividade, Seu Enock Procurou também "botar roça" onde cultivavam mandioca, milho, feijão, batata, etc., cuja sobra quando se efetuava a colheita era vendida para suprir, com o ganho adicional algumas necessidades familiares.

Dessa forma, pois, deu-se início a um novo ciclo de vida para todos, cuja adaptação se efetuou sem traumas, não importando as diferenças climáticas, ambientais, sociais e muitas outras que somente com o passar do tempo vieram absorver.

Assim se estabeleceu a rotina do dia a dia e em pouco tempo, o que ficou para trás transformou-se logo em lembranças e saudades que passaram a povoar as recordações daquela gente que lutava para iniciarem ali uma vida nova.

ORIGEM DA FAZENDA QUIXABA

Antes de aprofundar o desenvolvimento deste livro é necessário que se faça um rápido comentário sobre a origem da Fazenda Quixaba e de seus proprietários José Lino de Souza e Mariana Dantas.

Outrora, quando um casamento ocorria entre uma família rica e outra pobre acontecia sempre por parte do rico a pretensão de amparar, geralmente uma filha, que as vezes sem dotes pessoais, ou já com idade não mais propícia para um matrimônio, via-se na contingência de oferecer certa fortuna a alguém que embora humilde, pela sua conduta e caráter reunisse condições para fazer parte daquela família, contanto que a filha não ficasse no "caritó", em companhia dos pais.

Foi, pois, num casamento dessa espécie que os avôs paternos de Vicente, na última década do século XIX, se uniram num enlace que atravessou mais de setenta anos e deixou uma prole de cinco filhos, trinta e nove netos e mais de 120 bisnetos; não há estatística sobre os tataranetos.

José Lino era de uma família de classe pobre que atravessava a vida com o próprio trabalho familiar em uma pequena propriedade onde amanhava a terra e criava pequeno rebanho, donde tirava o sustento de todos e onde vivia com dignidade e respeito por quantos privavam da amizade daquela família.

Mariana Dantas era filha de família portuguesa Os Dantas que se radicaram na região denominada "Itaparica" como criadores de gado e donos de engenho se açúcar. Eram proprietários ainda de muitos escravos e seu latifúndio se estendia por boa parte do município de Bom Conselho, hoje Cícero Dantas. Quando em 1888, por força da Lei Áurea a família teve que alforriar seus negros, mas o patrimônio familiar já estava consolidado e não houve dificuldade em se adaptarem ao novo regime de mão-de-obra, mesmo porque, a maioria dos escravos embora livre, fazia questão de continuar atrelada aos seus antigos senhores, em que pese haver recebido terra e liberdade, os remanescentes continuaram leais e submissos não somente aos velhos donos mais também aos seus descendentes; confirmando essa assertiva, em 1940, 52 anos após a alforria, os descendentes da família "Raposa", um dos grupos que os bisavós de Vicente eram donos, durante as festas populares em Bom Conselho, alguns deles, vindos de Itaparica, pernoitavam na Fazenda e tratavam a todos por "sinhozinho", fosse o mais velho ou a criancinha de colo; o respeito deles era ilimitado e incondicional.

Voltando ao enlace matrimonial de José Lino e Mariana Dantas, foi em 1894 que os pais desta última achando difícil arranjar um bom casamento para a filha que já contava com 37 anos de idade além de um problema de "Elefantíase", doença hereditária que geralmente deforma os membros inferiores do portador, apresentando inchaço nas pernas e nos pés e torna-se um estigma que torna o seu portador marcado pelo resto da vida, não hesitou em procurar o pai de José Lino, velho conhecido na região e amigo da família e propôs o casamento de sua filha Mariana com o filho do amigo, que contava na época com 28 anos de idade. Naturalmente o velho amigo ficou lisonjeado com a proposta, não somente pela perspectiva de o filho entrar para uma família nobre como era a família Dantas, mas também pelo valor do dote que ele iria receber no dia do casamento.

Proposta feita, proposta aceita e ambos satisfeitos passaram a dar início aos preparativos das bodas; já que tudo dependia unicamente do consenso dos dois patriarcas; após a comunicação do acerto que foi feito aos principais interessados – os noivos – que receberam a notícia da decisão, senão com naturalidade pelo menos resignados, foi dado início aos preparativos para a consolidação do evento.

Foram somente no dia da celebração do matrimônio, poucos instantes antes da cerimônia, poucos instantes antes da cerimônia que os noivos chegaram a se conhecer. Mas como tudo era costume aceito na época como um procedimento natural, o casamento foi realizado e comemorado à altura da importância política e econômica do pai da noiva; ressalte-se que a madrinha do casamento, Dona Genoveva, como presente matrimonial deu à noiva a "Fazenda Quixaba" de porteiras fechadas, ou seja, com tudo que nela avia na época: os bens imóveis, móveis e semoventes; até os empregados ali permaneceram sob as ordens dos novos patrões. Além da fazenda acima a noiva ainda trouxe na bagagem mais três fazendas: Jacaracanga, Serra Branca e Estreito, sem contar com um quilo de ouro em jóias e trancelins, bens que José Lino passou a administrar a seu modo até o fim da vida, esbanjando quase tudo dissolutamente com novos amores com quem gastou até o último tostão.

OS PRIMEIROS TEMPOS

Conquanto a adversidade que se esboçava em tudo naqueles rincões sertanejos, Vicente se sentia feliz com as mudanças e em tudo se deparava com experiências inéditas que ampliavam sobremodo sua aprendizagem infantil; apesar de na época não ter irmãos, encontrou na Fazenda, já afeita à vida campestre, uma prima que residia à pequena distância

da casa de seus avôs; chamava-se Maria e era um pouco mais velha que ele e em consequência disto era quem geralmente tomava iniciativa nos brinquedos e peraltices com que preenchiam o tempo e faziam a vida passar naquela ingênua despreocupação que somente as crianças sabem desfrutar.

Na época ele tinha cinco anos e a prima já havia completado seis e eram as únicas crianças da família e por isto contavam com o assessoramento e cuidados de todos os adultos que eram seus avôs, os pais e Dinha, a sobrinha solteira que desde criança Dona Mariana criava mesmo antes desta se casar, conforme já falamos anteriormente.

Quando ali chegaram, Dinha já era uma mulher de cerca de 50 anos de idade; era uma pessoa da família muito estimada e respeitada por todos; era ao mesmo tempo dona da casa e empregada dada as suas atividades; era literalmente a cozinheira e ainda cuidava da lavagem de roupas, abastecimento de água que deveria ser transportada da fonte para casa, em potes de 10 a 15 litros de capacidade, numa distância de cerca de 200 metros; cuidava da ração dos porcos e das galinhas, ia pegar lenha no mato para cozinhar e ainda tinha tempo para dar carinho às crianças que boa parte do tempo passava ligadas à roda de sua saia, pedindo-lhe comida e ouvindo suas estórias. Seu Zé Lino e Dona Mariana já septuagenários viviam dos poucos recursos que a velha Fazenda ainda oferecia, últimos tributos talvez da prosperidade na fase produtiva de seus proprietários que foram grandes fazendeiros na região possuindo quatro Fazendas povoadas com muito gado, muitos empregados e antigos escravos da família que haviam se alforriado em 1888, mas que continuaram ligados aos antigos donos. Além das atividades agropecuárias que desenvolvia ainda era comerciante de tecidos em Cícero Dantas e funcionário do Estado, (Coletor Estadual). Era de fato uma situação econômico-financeira bastante sólida face às condições da época.

A esta fase de prosperidade, porém, seguiu-se outra, a do esbanjamento; Seu Zé Lino após a família criada passou a ter uma vida mundana desregrada e dissoluta. Foi autor de vários de floramentos e como naqueles tempos a impunidade já predominava no seio das classes abastadas ele reparava a todos esses erros com quantias vultosas e dinheiro, em alguns casos com imóveis semoventes; assim procedendo, não perdeu somente o respeito de sua esposa, mas também seu patrimônio, seu crédito, sua reputação e chegou a velhice apenas com uma velha fazenda decadente, um pequeno criatório e nenhuma perspectiva de um futuro tranquilo.

O outro filho de seu Zé Lino e de Dona Mariana, Camilo, a quem todos tratavam por Sinhozinho, era casado com Cecília uma jovem da região e ambos moravam também, juntamente com a filha, em terras da velha fazenda onde sobreviviam das atividades rurais. Quase todas as noites eles vinham para o Serão familiar; os homens quase sempre tratavam de assuntos referentes ao cotidiano da fazenda quando não eram notícias políticas ou da II Guerra Mundial que se desenrolava trágica na Europa; vez em quando contavam estórias de Lampião, lobisomem e muitos outros casos sobrenaturais; as mulheres davam os últimos retoques na cozinha enquanto conversavam amenidades, com exceção de Dona Mariana que sentada à um canto da sala, com ar carrancudo e austero, ensinava a Vicente e a Maria, ambos ajoelhados, as rezas que todos deviam saber tais como : Ave-Maria, Padre Nosso, Salve Rainha, Creio em Deus Pai, Eu Pecador, Senhor Meu Jesus Cristo e muitas outras que serviram de base religiosa por toda a vida de ambos.

Libertados da aprendizagem das orações, Vicente e Maria davam início as brincadeiras de criança como Pinta Lainha, Cabra Cega, Chicotinho Queimado e outras mais, o que normalmente terminava em briga e consequentemente castigo imposto pelos pais.

E Assim, terminava mais uma noite de Serão na Fazenda Quixaba.

A APRENDIZAGEM E OS PASSEIOS

Com o passar do tempo Vicente foi se tornando um conhecedor atento às coisas da Fazenda e passou a assessorar em alguns trabalhos o seu pai e o seu avô, sempre que houvesse algo que uma criança pudesse fazer; começou a cuidar, quase sem auxílio de alguém, do criatório de cabras e ovelhas; era ele que dentre outros cuidados, que colocava o chocalho em todas as matrizes que se encontravam em estado de gestação a fim de dispensar os cuidados básicos tanto para a parturiente como para a cria, até que fosse possível solta-los juntamente com o rebanho. Outra obrigação dele era buscar no pasto, quando necessário, os animais de montaria que o pai ou o avô utilizavam quando tinham negócios a tratar na cidade, bem como soltá-los quando do regresso deles. Era ele também que buscava à tarde, no pasto, as vacas paridas a fim de apartá-las dos bezerros para a ordenha que seu Enock procedia pela manhã cujo leite era parte da alimentação básica da Fazenda. Afora estas pequenas tarefas que ele as tomou como obrigação e as executava com muita presteza e carinho, o tempo restante ele consumia quando não brincando com a prima Maria, perambulando nos arredores da propriedade, numa ampliação constante de conhecimentos campestres, num curioso desejo de saber tudo daquele mundo que até bem pouco pra ele não existia e que o empolgava.

Com um estilingue nas mãos e os bolsos cheios de pedras, nas horas vazias, saía andando a esmo com propósito de caçar passarinhos; e naquelas andanças a caça era o que menos lhe fascinava; as vezes esquecia deveras que estava caçando; o gorjeio dos pássaros, o zumbir dos insetos, o farfalhar das ramadas ao sabor dos ventos, um relinchar, um aboio, um assobio ao longe, formavam juntos um concerto inaudito, comovente e enternecedor. E ele naquela ingênua meninice quedava-se absorto diante daquela magnitude singela e singular, rústica e bela misteriosa e encantadora, que somente a prodigalidade da natureza podia oferecer.

E assim enlevado, deixava o tempo transcorrer sereno; vez por outra acercava-se à margem de uma fonte para matar a sede e ficava observando uma abelha melífera, do tipo “mandaçaia” retirar lama Dalí para vedar sua colméia e era neste instante, quando ela alçava vôo em direção à mata que ele a seguia com a vista até o seu desaparecimento e em seguida se dirigia para aquelas bandas, sempre observando as árvores que poderiam abrigar uma colméia e não raro a encontrava; após assinalar o local e a árvore, voltava para casa e dava os detalhes do achado para seu pai que posteriormente, em dia de folga, ia fazer o cortiço e trazê-la para casa, ampliando assim o apiário.

Nos dias feriados, quando não havia algum vizinho fazendo visita com o intuito de prostrar, trocar idéias e conversar despreocupadamente acerca de coisas amenas da vida ou ainda bebericar uma cachacinha com casca de pau, seu Enock, a quem sempre Vicente acompanhava nas caminhadas, com espingarda à tiracolo, ia vagar pelos campos e matas da fazenda, olhando o pequeno rebanho bovino que pastava à solta, caçando algum animal silvestre, ou ainda fazendo revisão nas cercas e limites da propriedade a fim de certificar-se que não havia ocorrido nenhuma invasão por parte de algum vizinho pouco aquinhoado de terras.

Não raras vezes, também em fins de semana, donas Noélia, Cecília e Dinha iam fazer visitas às pessoas amigas residentes nas proximidades da Fazenda. Era um dia festivo para os meninos, Vicente e a prima Maria.

Era uma oportunidade de se encontrarem com outros meninos com os quais se divertiam bastante enquanto trocavam conhecimentos e experiências do cotidiano de meninos de roça. Essa festa se repetia em todos os passeios que faziam, pois, com raras exceções, todas as famílias dali da redondeza tinham uma prole que variava de 6 a 10 filhos. Não se falava naqueles tempos em controle de natalidade; essa prática era considerada pecado e assim sendo, o casal tinha que respeitar a determinação de Deus e aceitar resignado quantos filhos viessem ao mundo, mesmo que as suas posses não permitissem criá-los com o mínimo

de conforto necessário; aliás, no que se referia à alimentação, vestuário, saúde, educação principalmente, estes itens se situavam abaixo da linha de pobreza em muitos casos.

Estas visitas que o pessoal da região fazia era a forma de conagração familiar mais usual, favorecendo uma maior intimidade e aproximação de todos e com o correr do tempo, por meio de casamentos e batizados que eram freqüentes entre aquela gente, o estreitamento de amizade através de parentesco consanguíneo ou afim, fazia de todos um grande grupo social. Ali todos se conheciam, se estimavam e se respeitavam, mutuamente se ajudavam dentro das possibilidades que permitisse o “status” social e financeiro de cada um.

AS FESTAS DO ZONGUE

Em um prolongamento da Serra do Capim, numa colina situada entre os vales do Baixão e do Rancho, ergue-se um pequeno Arraial denominado Zongue, cuja população, não mais de 200 habitantes, sobrevivia das atividades rurais e de alguns trabalhos artesanais como confecção de esteiras e chapéus de palha, vassouras, embornais de fibra de caroá e outros pequenos produtos que comercializava nas feiras livres de Betânia e Cícero Dantas, Havia ali também uma pequena Capela cujo Orago era a Santa Cruz e ao lado desta ficava um cemitério rústico onde eram sepultados os corpos dos falecidos na região e que não podiam fazer um enterro com maior aparato no cemitério da cidade. Bem próximo dali morava o senhor Manoel Caetano, emergente fazendeiro e comerciante no povoado de Betânia; era quem propugnava pelo desenvolvimento do Zonguê e realizava todos os anos, no dia 3 de Maio, em honra à Padroeira daquela gente - a Santa Cruz – festividades que se tornaram através dos anos acontecimentos festivo regional, para onde todos ocorriam, uns buscando paz e conforto no que diz respeito à parte espiritual da festa, enquanto outros eram apenas profanos que se valiam do ensejo para se divertirem à solta nos pagodes que se estabeleciam por todo o arraial.

Lembro-me ainda, que nos idos da década de 40, no século passado, era grande os preparativos e maiores ainda a expectativa em torno da realização da “Festa do Zonguê”. Duas semanas antes do evento, Vicente, já menino de 8 anos, assistia enlevado os carros-de-bois passarem em frente à Fazenda, rangendo morosos, monótonos e melancólicos na dolência daquele som que entoavam os seus eixos e cocões e que abarcava a quietude da natureza, transpondo para aquela festa, carrosséis, sombrinhas, ondas e demais apetrechos que iriam proporcionar divertimento de primeiro mundo para aquela gente que pouca oportunidade tinha na vida de ser feliz.

Distando cerca de 2 quilômetros da Fazenda Quixaba, uma vez por outra Dona Noélia, Dinha e Cecília, acompanhadas com Vicente e Maria, iam participar desse folguedo como convidados especiais dentro dos critérios de amizade do patrocinador da festa, Manoel Caetano que era pessoa de consideração da família Dantas.

Afinal, chegava o dia 3 de Maio e todos enfatizados com a melhor vestimenta para dias festivos, demandavam todos após o “Ângelus” para aquele sítio, onde lá chegando, eram disputados pelos moradores conhecidos para hospedarem o povo da Quixaba embora por poucas horas. Em que pese a pequena distância que separava a Fazenda daquele lugar as condições de acesso eram as piores possíveis; caminho que somente pedestres podiam transitar necessitando as vezes de um batedor para orientar a melhor trilha a seguir. Imagine-se isto em noites chuvosas e sem lua como era normal nos meses de Maio, Junho e Julho, em pleno Inverno, naquelas paragens sertanejas. E entre tropeços e escorregões chegava-se finalmente ao povoado Zongue.

Antes de se entrar no povoado há à beira do caminho uma pequena Cruz que assinála a morte de um jovem, filho de Zé Felipe, um rabequeiro residente naqueles arredores; todos que ali passavam, em respeito ao falecido, colocavam uma folha verde junto a Cruz, para que

a alma dele continuasse em paz; contavam os mais velhos que foi em um dia 3 de Maio, quando ele se dirigia ao folguedo do povoado juntamente com um grupo de amigos, oportunidade que chovia bastante, trovejava e relampejava com muita frequência e ele, para agradecer para os amigos, na hora em que um relâmpago faiscou, ele disse: Dê outro pra acender meu cigarro!... E o inacreditável aconteceu: outro relâmpago riscou o Céu e ele tombou fulminado pela descarga elétrica, diante dos amigos atônicos, até hoje ainda se pergunta: foi fatalidade ou foi castigo de Deus?...

Diante da intensidade do foguetório em honra ao Orago e em agradecimento a alguma graça alcançada, desde longe era possível perceber o grau de animação que envolvia a festividade; no centro da praça rodeavam os Carrosséis, sombrinhas e Ondas com aquela gente humilde, mas cheia de felicidade, animada pela “concertina pé de bode” que tocava a noite inteira enquanto o modesto parque de diversões funcionava; margeando a praça, incontáveis barracas de palha exibiam suas mercadorias para os festeiros; ali havia com fartura bebidas de todos os tipos, com saber para todas as preferências; comida caseira que ia desde galinha frita ou à cabidela, até o guisado de carne de boi, porco ou bode; não faltavam os bailes em algumas residências onde os proprietários, para ganharem um dinheirinho extra cobravam cota dos dançarinos que declinavam da festa do largo para pagodear. O conagraçamento daquela gente era intenso; ali se aglomeravam pessoas de lugares mais remotos da região.

O Clímax da festa acontecia à meia noite em ponto, hora da Benção na Capela de Santa Cruz; todo movimento festivo quer nas residências, fosse na Praça parava por completo e a multidão contrita e silenciosa rezava o terço, em frente a Capela, já que esta comportava somente um pequeno número de fiéis que desejava orar.

Após o Terço, o patrocinador daquela festa, Manoel Caetano, à guiza de Pároco cantava “Senhor Deus” juntamente com a multidão e dava por encerrada a parte religiosa daquele evento, prosseguindo daí em diante os folguedos até amanhecer o dia, quando todos ressabidos dos excessos em uma noite insone, regressavam aos seus lares, oportunidade quando muitos já faziam planos para voltarem no próximo ano. É importante notar que naquele tempo, mesmo com uma multidão tão heterogênea como se verificava ali, tudo transcorria com harmonia e respeito, sem nenhuma ocorrência desagradável que viesse arrefecer o animo daquela gente cuja alegria se esboçava no semblante de todos. Assim passava mais uma festa sem incidentes, com promessas de novos encontros com mais aconchego, com mais amor.

A festa continuou ocorrendo anualmente sem alteração, entretanto, um dia, quando menos se esperava, passou pela Fazenda da Quixaba, em busca de recursos médicos em Cícero Dantas o Senhor Manoel Caetano, o patrocinador da festa do Zongue que havia sofrido um derrame o que lhe deixou paralisados a fala e os movimentos superiores. Em consequência dessa enfermidade nunca mais deixou o leito até o dia da sua morte. Depois a gente da Quixaba não mais foi a festa do Zongue, pelo menos até quando seu Enock se mudou com a família para Cícero Dantas em 1948, onde já era o Chefe do IBGE naquela cidade.

A QUARESMA

Os Serões da Fazenda Quixaba eram um costume antigo da família e se desenrolava sempre sem muitas novidades; eram mais uma rotina que se buscava como forma de aproximação e aconchego que muito dizia a respeito da união em que viviam todos ali. Mas quando chegava a Quaresma, em face da religiosidade de sua gente, principalmente de Dona Mariana, tudo mudava um pouco, desde o comportamento contrito que todos deveriam apresentar naquele período de sacrifício, até as obrigações religiosas que deveriam ser reforçadas com abstinências, penitências, jejuns e outras coisas mais que se relacionasse

àquela fase que se iniciava na Quarta-Feira de cinzas e se prolongava até Sábado da Aleluia; durante esse tempo, todos da Fazenda após o jantar, tendo Dona Mariana à frente, se reuniam na sala em que ficava o Oratório e ali rezavam o Terço e todas as rezas possíveis além das Ladainhas que se cantava num ritual que se repetia todas as noites e que tinha duração pelo menos de 2 horas, tempo suficiente para todos se apresentarem cansados com o excesso de devoção. As vezes alguns vizinhos vinham também à noite para participarem do Terço e quando este era concluído os homens passavam para a varanda onde era servido café e quem quisesse ia pitar seu cigarro que ficou suprimido durante o Terço e aí tinham início as estórias de Lobisomem, mula-sem-cabeça, almas penadas e tudo mais que durante a Quaresma eram fatos corriqueiros naquele Sertão inculto em que pese tais Duendes serem frutos da credence folclórica e da fértil imaginação do sertanejo; o repertório daquela gente pelo sobrenatural é bastante grande e às vezes torna-se difícil identificarmos a fé e a credence e separá-las pois, ambas já estão enraizadas na alma dessa gente que herdou de seus ancestrais as tradições, os usos e costumes que são guardados e respeitados com carinho e veneração; assim, o folclore, as lendas e os mitos são parte integrante do dia-a-dia de quantos habitam aqueles rincões e também parte da vida de cada um. O Lobisomem, a Mula-Sem-Cabeça, a Caipora a mãe-d'água, a Vó-da-Lua, são algumas entidades fantásticas que compõem o folclore daquela região do Sertão baiano onde se situa também a Fazenda Quixaba. As Lendas e as Estórias populares voam de boca em boca e passam de avós, pais, filhos, netos, bisnetos e assim vão se perpetuando infundavelmente. A crença em almas penadas, em mistérios do desconhecido, molda a conduta e comportamento de todos diante de cada fenômeno, de cada ocorrência, de cada evento que não tenha uma explicação imediata e realística. Paralelamente com o catolicismo, religião predominante ali se desenvolvem também o curandeirismo, o fetichismo e outros cultos à Natureza que juntos formam a globalização de crenças que não podemos alterá-las pois, assim procedendo é o mesmo que tirarmos o guia que conduz o cego pela mão no seu mundo de trevas. Alguns daqueles vizinhos nossos afirmavam categoricamente já ter visto um Lobisomem ou no mínimo ouvido o uivo de um deles ou o retinir das correntes que atrelavam a Mula-sem-cabeça e citavam até testemunhas que vivenciaram tais experiências. Assim o vizinho Pedro Rodrigues, um dos frequentadores do Terço, era quem contava “causos” mais terríficos, Fantásticos e tenebrosos. Dizia ele em uma dessas, que era um quadro patético presenciar, como ele o fez, por uma fresta da janela de sua casa, em uma Sexta-Feira Santa, noite penumbrosa, a passagem de uma Mula-sem-cabeça, distante da casa uns 50 metros, donde se via a figura fantasmagórica, guinchando, escoiceando o vento e emitindo fumaça e fogo por um toco de pescoço que simulava a cabeça; naquele trote largo, tilintando as correntes, de mandou em direção à Freguesia buscando pagar pecados que cometeu quando em vida, sendo amásia de Padre, e, se mostrava todo arrepiado quando concluía sua narrativa e as estórias de Lobisomem se sucediam, uma após a outra sempre com requinte de heroísmo por parte do contador que na maioria das vezes também era protagonista da façanha. Eram também bastante comuns as narrativas com almas penadas, com botijas e com tudo mais que tivesse ligação com os mistérios das noites sombrias da Quaresma

Assim, se não fossem as obrigações que esperavam todos no dia que já se avizinhava aquelas estórias atravessariam a noite; mas o dever os chamava e todos, já alta noite se recolhiam aos seus lares.

AS SANTAS MISSÕES

No século passado um dos acontecimentos mais importantes de cunho popular era as Santas-Missões que a Igreja promovia de tempos em tempos procurando ampliar a catequese aproximando a população às coisas de Deus, ensinando praticas religiosas as vezes negligenciadas por muitos em face até de maiores contatos dos párocos com fieis diante da

extensão da paróquia e do difícil acesso a alguns rincões que distavam até 10 léguas da sede municipal. Assim, de vez em quando, durante o verão, época em que havia ocorrido a colheita agrícola e o povo estava menos sufocado pelas necessidades, a Paróquia, através de seu sacerdote, e aquiescência do bispado, promovia uma Santa Missão com um propósito acima citado; para tanto, com muita antecedência já começava a preparar o espírito dos fieis com Sermões durante as missas e através das desobrigas realizadas pelas vilas e povoados da Freguesia; paralelamente a essas providencias convidava alguns Franciscanos ou de outras ordens religiosas congêneres, contanto que já tivessem vivencia com movimentos da espécie e que fossem bons oradores sacros, fatores de que dependiam maior ou menor sucesso de Santa Missão; na semana determinada para o inicio do evento era armada um amplo palanque no adro da Igreja que se iluminava com lampiões de carbureto ou a gás, pois naqueles tempos nem se cogitava em iluminação elétrica. As pregações duravam 8 dias, tendo inicio às 20 horas de cada dia e não tinha horário marcado para terminarem; tudo dependia do sermão do pregador. Para ali convergia gente de todos os recantos da cidade e dos municípios; o largo da Igreja ficava apinhado e o silencio era total para ouvir a mensagens de Deus; ali, apostos diante do palanque se perfilavam as irmandades do Coração de Jesus, dos congregados Marianos, das Filhas de Maria, os Coroinhas e as Beatas que entoavam constantemente os Hinos Sagrados entre uma pregação e outra; os sermões versavam sempre entorno da salvação, dos pecados capitais, sem perderem ênfase à caridade e ao temor de Deus. Antes de ser dada a benção, um Coroinha empunhando a sacola do “Dizimo” recolhia dos fieis a contribuição que fosse possível ser dada por cada um; após se persignarem contritos todos se recolhiam aguardando o dia de amanhã. Enquanto isso lá na Fazenda Quixaba, tão logo a noticia de Santa Missão chegasse, Dona Mariana começava os preparativos de forma que uma semana antes do evento ela já se encontrasse na casa da filha “Sinhá” em Cícero Dantas para que durante as cerimônias sacras ela tivesse participação em todos os atos ali ocorridos, não importando o peso de seus 80 anos de idade. Faltando 3 ou 4 dias para Santa Missão terminar era a vez de Dinha que arribava também da Fazenda em demanda à cidade onde ia assistir as pregações que se tornavam por assim dizer, uma obrigação para todos os católicos. Nessas idas levava à tiracolo Vicente que se deliciava com tudo aquilo que era sem duvida novidade para ele; hospedavam-se também na casa de “Sinhá” que como tia lhe dispensava os cuidados que um sobrinho precisava; ali permaneciam até o final da Santa Missão que era a etapa mais festiva. Desde a Alvorada as atividades tinham inicio com um bimbalar dos sinos e espocar do foguetório como se fosse um convite para a primeira missa; e as cerimônias religiosas prosseguiram manhã a dentro com a celebração e consagrações, crismas, batizados, casamentos e muitas confissões, cujos atos se estendiam por longas horas embora houvesse vários celebrantes para realizá-los. À tarde ocorria um encerramento das atividades pastorais com a procissão que solenemente desfilava pelas ruas principais da cidade com as suas irmandades cantando os Hinos Sacros que eram acompanhados pela multidão de fieis, cujo cortejo era aplaudido pelas pessoas que não aderindo ao desfile por algum motivo pessoal se aglomeravam respeitosa e nas calçadas enquanto o desfile sagrado passava. Voltando a Igreja, o Pároco, juntamente com seus coadjuvantes davam a benção à multidão de fieis e todos se recolhiam aos seus lares na convicção da missão cumprida.

Dinha mais Vicente, já no outro dia, se punham de regresso na estrada em demanda à Fazenda onde o labor quotidiano os esperava de ânimos renovados e confiantes na vida.

Dona Mariana, porém, se valia da oportunidade para se refestelar na casa da filha, desfrutando ali do conforto e carinho que todos lhe tributavam e às vezes, aguardava até o transcorrer do Natal e do Ano Novo e somente após, regressava à sua Fazenda.

AS VISITAS DAS TIAS

Os Avôs de Vicente, além dos filhos Enock e Camilo, tinham ainda as filhas Sinhá, que morava em Cícero Dantas, casada com José da Fonseca Soares, Escrivão da Coletoria Estadual e tinha cinco filhos; Dácia, que residia em Rio Novo, atualmente Ipiaú, no Sul da Bahia, casada com José Torquato, próspero cacauicultor e tinha onze filhos e Afra, residente em Salvador-Ba., casada com Alfredo Vieira Lima, destacado Desembargador naquela Capital e tinha doze filhos; todas, com seus esposos e filhos eram bem situadas na vida, sem problemas financeiros e vez por outra ajudavam aos velhos pais assim que alguma necessidade os oprimisse; normalmente, nas épocas das férias escolares, ao menos uma delas aportava na Fazenda Quixaba, “de mala e cuia”, pronta e com disposição para fazer a sua prole desfrutar do descanso e dos prazeres das férias, sem obrigações escolares, num ambiente rural, muito diferente daquele da cidade grande, não somente pela calma e tranqüilidade de vida que proporcionava o ambiente do campo; a Tia Sinhá, que por residir mais próximo à Fazenda era quem mais freqüentemente vinha passar alguns dias com os velhos pais e geralmente trazia três dos cinco filhos; no caso das Tias Dácia e Afra, por morarem distante, os passeios à Fazenda ocorriam com menor freqüência, pois, o deslocamento com a prole e a bagagem já era bastante oneroso, mesmo sem contar com a alimentação para seis ou oito filhos que acompanhavam cada uma durante a estada na Quixaba. Para os adultos cada visita era uma festa familiar onde as recordações e as novidades se mesclavam nos aconchegos, nos mimos e carinhos, como se todos quisessem num gesto de afeto, sufocar e esquecer as saudades guardadas no relicário do tempo. Isto era natural, pois, as três filhas de “Seu Zé Lino” nasceram e cresceram na Quixaba e só de lá saíram quando a família foi residir em Cícero Dantas; assim, era natural que ali tenham deixado muitas recordações e amizades e todas as vezes que ali voltavam sentiam-se na obrigação de visitar aquela gente que na mocidade formava o círculo de convivência de todas elas.

Estas visitas tão esperadas por Vicente e Maria, não era somente a oportunidade de rever os entes queridos, era mais que isto, era o reencontro com os primos da cidade, a troca de novas experiências e aprendizagens que ocorriam de modo recíproco, face a diversidade ambiental que se estabelecia entre os visitantes e os visitados.

Logo cedo, assim que se prenunciavam os primeiros alhores da Alvorada, afora algum dorminhoco, a “patota” de primos já estava reunida para mais um dia de caminhada, de brincadeiras, de peraltices e até mesmo de desobediência às recomendações paternas.

A meninada sequiosa de novidades e aventuras se derramava por todos os rincões da propriedade, buliçosa e ruidosamente, naquela alacridade peculiar da meninice e adolescência, quadras fagueiras, onde os sonhos ingênuos embalam os corações em flor.

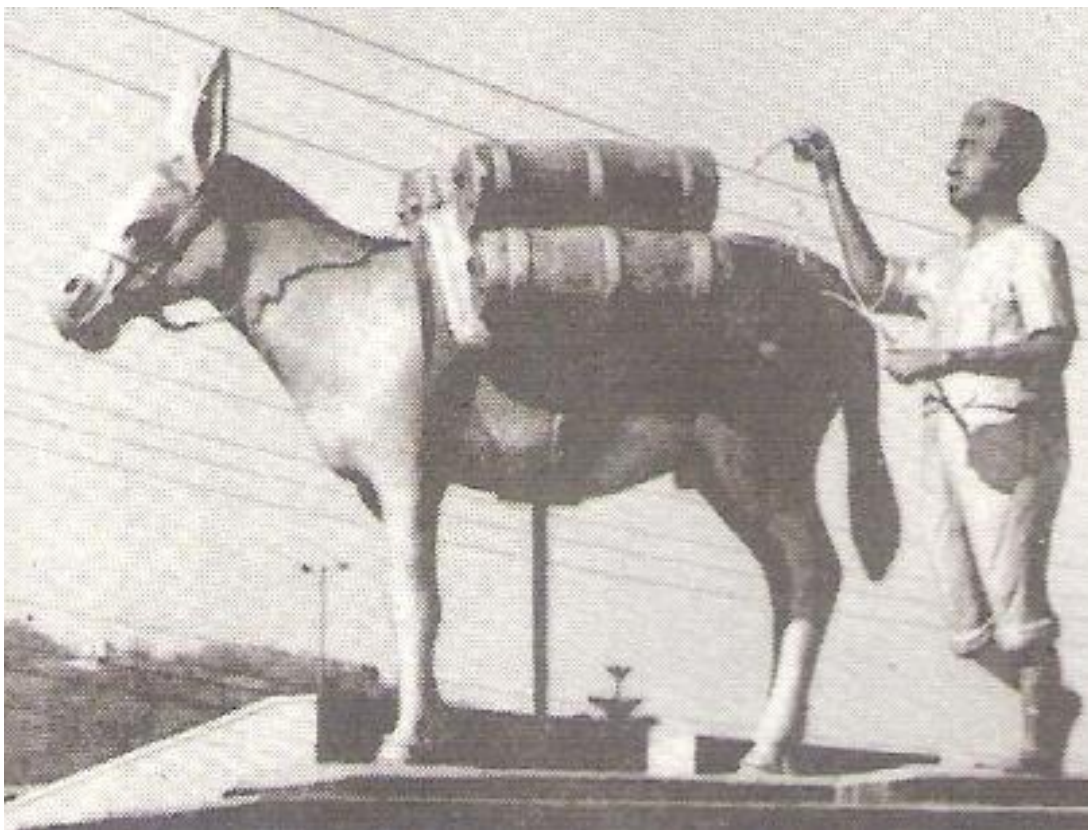
Assim, sucessivamente passavam-se os dias e aquele embevecimento do grupo por mais e mais brincadeiras não arrefeciam nunca, cada dia parecia o primeiro dia e usufruía de cada momento como se fosse o último.

Geralmente, as visitas aos amigos da redondeza eram realizadas nos fins de semana, após ter cientificado aos pretensos visitados para que não fossem tomados de surpresa quando ali chegasse uma comitiva de dez ou doze pessoas entre adultos e jovens; mesmo porque os donos da casa eram geralmente parentes, compadres ou amigos muito chegados, deveriam prevenidos antecipadamente para alimentar aquela gente que ali aportava pela manhã e só retornava quando o Sol esfriava, já próximo aos prenúncios do ocaso. Era um dia de festa desde cedo; todos se arrematavam para a jornada que dependendo do local, variava de TRE a seis quilômetros, mas que nada representava para a garotada que transformava o percurso numa diversão como se estivesse indo para um Piquenique. Estes passeios se repetiam até duas vezes por semana até enquanto durassem as férias escolares e o desejo de todos era que se prolongassem por maior tempo possível. Mas tudo tem fim; de repente a tia

de Vicente durante o serão familiar anunciava o seu retorno com os filhos para a sua cidade onde novas obrigações a esperava .Daí então, Vicente e Maria já começavam a sentir o vazio que a ida dos primos iria provocar no ambiente da Quixaba o que só muitos dias depois era que a vida voltava ao seu curso normal.

Finalmente chegava o dia predeterminado para a partida; animais selados, carro-de-bois estacionado em frente a casa enquanto se fazia a acomodação da bagagem que sempre sobrava. E o momento crucial chegava; era a hora das despedidas; muitos abraços e muito choro; ocorria o embarque e os acenos continuavam até que todos desaparecessem na primeira curva da estrada.

Já sozinhos Vicente e Maria já começavam a fazer planos para as próximas e torcer para que alguma tia viesse passar outra temporada na Fazenda Quixaba.



Abastecimento de Água na Fazenda Durante as Secas

AS SECAS DO SERTÃO

Apesar dos poucos recursos que seu Zé Lino e seu Enock contavam para sobreviver levavam uma vida relativamente tranqüila, sem preocupações de compromissos financeiros que onerassem a pequena renda que obtinham na própria Fazenda. Sem ostentarem riqueza, faziam-se respeitados e considerados como senhores da Quixaba, assim como quando a bonança residiu ali, proporcionando prosperidade e conforto para todos.

E aquele ritmo de vida seria contínuo e sem alterações, não fosse a instabilidade climática que atormentava o sertanejo, naquele tempo, de modo mais contundente que hoje, prejudicando a estabilidade de todos, de forma calamitosa algumas vezes. A Seca era a sombria tenebrosa que acompanhava a todos na luta diária com a sobrevivência.

Quando a estiagem se pronunciava rigorosa no Nordeste, atingindo a todos, causando prejuízos irreparáveis aos mais abastados e expulsando do próprio chão aqueles menos favorecidos que não tinham como lutar contra a inclemência da natureza. Era um quadro patético que se repetia quotidianamente com a leva de retirantes que abandonando o Sertão, buscava em outras terras a sobrevivência que lhe foi negada em seu berço natal. Eram homens, mulheres e crianças esqueléticas, famintos, cambaleantes, buscando um destino incerto para escapar com a vida daquela refrega insana, deixando para trás o quase nada que vida lhe deu para correr em busca de um refrigerio que mitigasse a dor e o sofrimento seu e de sua prole que minguava à falta do pão de cada dia e da incerteza de um dia melhor, desejo quase sempre quimérico, pois, na maioria das vezes aquela viagem não tinha volta. E a Seca se estabelecia devastadora; inicialmente frustrando plantações agrícolas menos resistentes à falta de chuvas, em seguida murchavam as pastagens, depois os campos nativos e as matas e por último ocorria a exaustão dos mananciais temporários, das fontes, dos tanques, e dos pequenos açudes. O Sol inclemente crestava tudo com uma voracidade insana, desalentadora e incomensurável; os dias já amanheciam cálidos sob um Céu azul profundo, sem uma nuvem alguma que quebrasse o tédio da imensidão; era uma quietude sem precedente que nem mesmo a pertinácia sertaneja era suficientemente forte para resistir com resignação; naquela soledade mormacenta nem o vento soprava de jeito a amenizar a canícula; quando muito, apenas uma aragem tímida e morna se propagava na devastação dos campos, sem encontrar se quer, no desdobramento da pradaria talada, uma ramagem virente para balouçar suave e acariciante.

Era então, que a essa altura dos acontecimentos a gente da Fazenda Quixaba começava a padecer também com as conseqüências daquele fenômeno. As pastagens antes fartas rareavam rápidas ao rigor de estio e não tardava, a falta de alimento para os animais associava-se à penúria de todos; até aí conseguiam manter o rebanho complementando a ração desse com palma forrageira e mandacaru; porém chegava a vez das fontes e dos tanques se exaurirem por completo, deixando-lhe somente a alternativa de retirarem os animais para o Tabuleiro do Terreiro das moças, distante 8 quilômetros da Quixaba, onde havia água abundante na propriedade de Chiquinho de Franco, velho amigo da família; na Fazenda ficavam apenas dois jumentos de serviços, um burro para montaria e uma vaca parida que fornecia leite para o gasto familiar; a água que consumiam com a despesa da casa e como os animais que não puderam ser retirados, era transportada no lombo dos jumentos, diariamente dos tanques de Zé Cula, Paulinho Redeiro e Faustino do saco dos Arrombos, que tangidos por velhas amigadas de vizinhança, ofereciam muito prazerosos, a água que necessitassem para o consumo até enquanto seus depósitos resistissem ou até quando voltasse a regularidade pluviométrica à região. Note-se que as propriedades desses vizinhos distavam em média quatro quilômetros da Quixaba e o pessoal diariamente tinha que buscar cinco ou seis carregamentos de água para suprir as necessidades da família, da família de Sinhozinho e ainda mitigar a sede dos animais que ficaram prestando serviços na Fazenda. E essa luta se desdobrava por um período de até oito meses, tempo em que a vida do sertanejo, já sacrificada em condições normais, ficava estagnada, sem rumo e sem planejamento definidos, já que a solução dependia unicamente da vontade de Deus.

Essa penúria se repetia em períodos alternados de quatro em quatro de cinco em cinco anos mais ou menos e as providências que os poderes públicos tomavam no sentido de minimizar esse flagelo nunca foram de forma sistemática, encarados os problemas com mais eficácia.

O que se verificava naqueles tempos e que ainda perdura, são medidas paliativas favorecendo a conhecida “indústria da seca”, meio rendoso para os politiqueros e a politicagem maléfica e maligna qual chaga pestilenta que sorrateiramente solapa a saúde econômica da Nação.

Infelizmente já estamos em um novo século e as mudanças no Nordeste tem se operado de modo tão tímido que não há muita diferença do que ocorria há 60 anos. E como diz o ditado; mudam-se os Santos mas a Ladainha continua a mesma”.

Os Políticos se sucedem, mas a forma de legislar os poderes públicos continua imutável, vilipendiada pela ganância dos políticos inescrupulosos que mais visam os seus interesses e a perenidade de seus “status” no cenário da política nacional.

Naquela opressão que os malefícios da Seca imprimia, enfraquecendo o animo daquela gente, restava a esperança, arma poderosa com que todos lutavam contra o próprio destino. Um dia porém, a escassez de chuva se acabava; chegava a bonança e com ela a renovação do otimismo e o olvido do sofrimento; enfim, era a felicidade que batia à porta do sertanejo.

AS TAIPAS E OS PAGODES

Naquele tempo, entre as pessoas que casavam, talvez pelos minguados recursos, fato comum entre a maioria absoluta daquela gente, era procedimento geral, quando da construção da casa residencial a qual era um encargo do noivo, deixá-la sem paredes em todos os compartimentos, exceto o quarto de dormir mais conhecido como camarinha e a cozinha com a dispensa, cômodos onde preparavam a alimentação e guardavam os mantimentos, e servia ainda, precariamente de sala de estar.

Assim o novo casal iniciava a sua vida residindo ali naquelas condições, até que a situação financeira permitisse a realização da “Taipa” para o restante da casa, o que consistia em um mutirão com a vizinhança, que em um dia marcado com antecedência se reunia para proceder a armação das paredes, que era feita com esteios e varas amarradas com cipós, para depois ser colocado o enchimento nos vãos que era tão somente um traçame de barro amassado. Este dia se constituía em acontecimento festivo na circunvizinhança. O anfitrião se preparava desde cedo para o evento que era na realidade um folguedo social comunitário; supria a casa com muita bebida; matava porco, criação, e algumas galinhas e perus, sem esquecer também de contratar um sanfoneiro que devia animar o arrasta-pé que tinha início após a conclusão da taipa o qual atravessava a noite. Era uma festa que a simplicidade daquela gente humilde transformava em amizade íntima, em momentos felizes, em saudosas recordações. Ali ocorria o encontro de gerações: de um lado os idosos com seus conceitos e exemplos ultrapassados e obsoletos, querendo dar diretrizes a um mundo que já não era o mesmo para eles; do outro lado os jovens que já tinham outra ótica da vida e derivavam muito dos usos e costumes em voga para seus pais. De qualquer maneira porém, o entendimento, o respeito e a consideração sobrepujavam as diferenças de gerações e o paradoxo se estabelecia sem agressões para as partes.

Aquele ambiente que se trajava de festa era para as matronas a oportunidade de atualizarem as fofocas e se inteirarem das novidades da redondeza; era para os que já se avançavam em idade o momento de relembrar saudosos, coisas passadas que lhe embalaram os sonhos e que nem o tempo os fizera esquecer; era finalmente para os jovens a chance de darem asas a imaginação, soltarem-se em devaneios, na busca de sonhos aurifulgentes do primeiro amor.

Geralmente, quando acontecia algum folguedo da espécie próximo à Fazenda para o qual fosse a gente dali convidada, lá comparecia para usufruir do festejo bem como para prestigiar os seus vizinhos.

Das inúmeras Taipas às quais compareceram, quatro delas ficaram mais vivas como reminiscências de criança para Vicente, que foram as realizadas por Cazuza de Pequena, Antônio do Baixão Mariana de Patula e João dos Poços, talvez por lá haver em todas elas uma meninada travessa com a qual Vicente se enturmava se derramando nas peraltices próprias da idade; o dia tornava-se mais curto para esgotar as brincadeiras e `noite, todos cansados, às vezes dormiam mais cedo, alguns sem os divertimentos das últimas horas da festa. Ali, comida e bebida rolavam soltas ao som da sanfona que não parava um instante sequer, alegrando aquela gente festeira e feliz.

A Taipa era um ocorrido esperado por todos; era um conagraçamento que estreitavam os laços de amizade dos vizinhos; era uma demonstração de solidariedade para a qual todos se diligenciavam para levar a sua colaboração.

No final todos já sabiam qual a próxima Taipa a ser realizada. Era só esperar.

A ESCOLA DE DONA TÔNICA

Em 1946, Quando Vicente já tinha 10 anos, o senhor Paulino Redeiro assim chamado por desenvolver o comércio de redes nas feiras livres da região contratou uma professora leiga para alfabetizar seus filhos, em número de 8 crianças. Seguindo a política de boa vizinhança, facultou aos pais de meninos em idade escolar a prerrogativa dos filhos destes freqüentarem a escola em sua Fazenda enquanto mantivesse a Professora ali lecionando. Dos beneficiados com essa concessão estavam Vicente, quatro filhos de França Máximo e dois de João Santana, formando todos uma classe de 15 alunos que apesar da diferença de idade que havia entre alguns o nível de ensino era quase homogêneo, pois estava limitado apenas a aprendizagem do ABC, Cartilha, Tabuada e as primeiras noções de Caligrafia.

Este evento sem dúvida foi o acontecimento mais significativo na vida desse jovem naquela época. Raras eram as crianças que tinham a oportunidade de freqüentar uma escola. Desde pequenos os meninos do Sertão iniciavam-se nas lides do campo, tornando-se uma força adicional na renda familiar segundo os pais, aprender a ler e escrever era um luxo que pobre não deveria ter pois era através do trabalho que todos deveriam sobreviver na vida e se tornarem independentes. Para as meninas, não saber ler e escrever ainda tinha vantagem de não poderem se corresponder com os namorados o que trazia relativa tranqüilidade para os pais igualmente analfabetos. Assim, somente os mais esclarecidos pensavam diferentemente daqueles conceitos atávicos que jungiam a mentalidade tacanha daquela gente humilde, cuja ignorância beirava as raias da parvonice.

Foi pois, no mês de Agosto, quando já amainavam as chuvas do Inverno que Vicente começou a freqüentar as aulas de Dona Tonica na na Fazenda de Seu Paulino.. Era uma caminhada de quatro quilômetros que ele fazia só, todos os dias, indo pela manhã e regressando à tarde, conduzindo à tiracolo uma bolsa com o material escolar e ainda a bóia para o almoço. Esse período que se prolongou por cerca de um ano, foi bastante proveitoso para ele, não somente em termos de analfabetismo mas também como forma de socialização, pois o grupo de adolescentes ali reunido era bastante heterogêneo em termo de experiência de vida, pois vinham de famílias afastadas pela distância uma das outras, favorecendo assim, na troca de experiência melhor aprendizagem em face da maior diversidade de informações.

A carga horária de estudos ali era relativamente puxada pois constava em 6 horas de atividades, englobando exercícios escritos, leitura e Tabuada; cumpridas estas tarefas o resto do tempo era lazer; o grupo inteiro se derramava em brincadeiras pelos campos da Fazenda, envolvendo esconde-esconde até os banhos furtivos nos tanques da propriedade e a coleta de frutos silvestres nas matas.

Era um encontro festivo que ia das sete horas da manhã até as 17 horas da tarde, quando a meninada filha dos vizinhos regressava aos seus lares na certeza do reinício de tudo

manhã seguinte.

Um dia, porém, seu Paulino comunicou aos jovens que freqüentavam a Escola em sua Fazenda que iria suspender as aulas por algum tempo e só posteriormente voltaria a retomar as atividades escolares, a respeito do que avisaria a todos. Essa decisão foi um impacto para o grupo que já havia se acostumado a àquela convivência quase que fraterna. Restava, entretanto, a esperança de que muito em breve estariam todos, outra vez unidos para dar continuidade ao projeto de alfabetização relativamente bem sucedido em sua primeira etapa.

Entretanto, o tempo foi passando sorrateiro e implacável sem contudo seu Paulino reiniciar as atividades escolares melancolicamente interrompidas. O tempo passou e todos esperaram em vão e nunca mais se teve notícias daquela escola.

Nesta mesma época a prima Maria estava freqüentando outra escola de alfabetização com Marianinha de Joaquim Paulo, proprietário de uma pequena Fazenda no Baixão, próxima à Quixaba; um dia, quando ambos Vicente e Maria já sabiam, embora de modo precário ler e escrever alguma coisa, Maria, mais treinada na vida do que Vicente, visto ser um pouco mais velha que este e já possuía maior alcance em alguns assuntos, induziu o primo e a uma colega dela, filha de Chiquinho de Franco, fazendeiro da região do Terreiro das Mocas a qual chamava-se Amélia, a se corresponderem como namorados; fazendo papel de estafeta, lavava e trazia bilhetes e recados apaixonados; este enlevo de criança perdurou por mais de um ano, só vindo arrefecer quando as aulas foram dadas por concluídas e Amélia voltou para a companhia de seus pais, pois no Baixão ela morava com uma irmã casada com Piroca, filho de Joaquim Paulo. É maravilhoso para Vicente, lembrar também, com certo carinho essa fase idílica em que os sonhos puros de ingenuidade embalavam os seus corações com um amor mais casto e mais puro que possa ser imaginado e concebido pela natureza humana.

Por essa razão, não será pretensioso em afirmar que ambos, em nome das confidências, guardam no recôndito de suas lembranças aquelas ingênuas declarações amorosas, as quais foram a manifestação sincera e o desabrochar sublime de um imorredouro e primeiro amor.

A CULTURA DE CORDEL

Distando uns três quilômetros da Fazenda Quixaba situava-se a propriedade do Senhor João Marciano, esposo de “Duninha”, mulher caridosa, muito católica e benzedeira famosa na região, cujas rezas, afora os exageros, operavam até milagres; o casal tinha sete filhos, José, Antonio, Manoel, Raimundo, Senhora, Isabel e Maria e todos juntos viviam da agropecuária, atividade que desenvolviam ali na pequena Fazenda. A renda familiar era baseada no criatório de um pequeno rebanho bovino, outro tanto de ovinos, caprinos, galináceos e outros, que juntos garantiam fartura pra família, com carne, leite, queijo, manteiga, ovos e tudo mais que se juntando aos produtos da lavoura, proporcionavam dessa forma a todos tranquilidade e bem estar. Anualmente, o Senhor João Marciano tinha sempre alguns garrotes, carneiros e bodes disponíveis para o abate na cidade e para isto não lhe faltavam compradores; somando-se a estas rendas vinha da produção da lavoura – Farinha, milho, feijão e fumo – que tirando o estoque do consumo da família o resto era comercializado. Desta forma Seu João conseguia sem muito atropelo sustentar sua prole dentro de um padrão de vida razoável e obter algum progresso patrimonial o que lhe rendia também proeminência social no âmbito da comunidade.

Os pais de Vicente, Seu Enock e Dona Noélia eram muito amigos dos Marcianos e as visitas amistosas eram feitas com muita freqüência entre as duas famílias. Foi através desse aconchego que Vicente se tornou amigo íntimo dos filhos de Seu João, principalmente de Manoel e Raimundo; dificilmente ocorria um dia que os três não se encontrassem para caçar

passarinhos, armar arapucas, instalar zabumbas para pegar preás ou simplesmente tomar banho nos tanques dos arredores e perambular pelos campos, à esmo e sem pretexto, apenas por companheirismo. Não somente Vicente mas os filhos de Manoel Pinto, outro vizinho próximo à Fazenda Quixaba, Pedro e Amorzinho também se juntavam aos três amigos e as brincadeiras se intensificavam; as horas passavam e todos esqueciam o momento de voltar para casa, sendo necessário, às vezes, alguém procurá-los e avisá-los que era hora de regressar.

A família Marciano era estimada por todos da região; gostava de fazer amizades, fazer favores, ajudar ao próximo e sempre que podia, fazer folguedos em sua casa, como acontecia com as Feitas de Fumo, a Despalha de Milho, a Farinhada e alguma Novena em homenagem ao Santo Orago daquela gente.

Um dos acontecimentos mais marcante na residência dos Marcianos era quando o irmão de “Duninha”, Moisés, vinha passar alguns dias na casa da irmã, fato que era anunciado, antecipadamente para toda vizinhança que passava a aguardar com ansiedade a realização do evento.

Moisés era um jovem que morava na região denominada “Parteira” próxima a Cícero Dantas e diferentemente da maioria de seus contemporâneos, não se conformava com o analfabetismo que predominava ali e procurou por todas as formas aprender a ler, tirar a venda da ignorância e levar a todos mensagens de conhecimento e de cultura. Com grande esforço e sacrifício superou as dificuldades das primeiras letras e tão logo conseguiu ler com certo desembaraço passou a fazer leitura de tudo que fosse possível para quem não soubesse ler. Embora a aquisição de obras literárias quer pela dificuldade de serem encontradas no Sertão, seja pelo preço proibitivo, fora do alcance financeiro de muitas pessoas, ele não desanimou, buscou outras alternativas e optou pela difusão de outro tipo de literatura mais acessível financeiramente, mais identificada com a cultura nordestina e de linguagem menos rebuscada o que facilitava a compreensão de quantos se interessavam por aquele estilo literário – Literatura de Cordel.

Veza por outra Moisés se abalava da “Parteira”, vindo passar alguns dias na casa de seus parentes e este acontecimento era logo propagado por toda redondeza, pois, sabia-se que durante sua estadia na casa da irmã ele passava a maior parte do tempo fazendo leitura para seus ouvintes, o pessoal da vizinhança, que às vezes enchia a casa para participar das “Tertúlias” que não tinham hora para acabar.

Sentado numa rede armada num canto da sala, cioso da sua importância naquele momento, diante daquele povo, Moisés após cumprimentar a todos e fazer uma breve preleção, dava início à leitura de seus cordéis, momento esperado com muita ansiedade por aquela platéia que se postava ali, silenciosa e atenta para cada momento da leitura entremeadas de suspense, romantismo, heroísmo, tragédias, fatalidades e final feliz, prevalecendo sempre a vitória do bem sobre mal.

As obras ali apresentadas eram as melhores do gênero publicadas na época tais como: O Pavão Misterioso, Zezinho e Mariquinha, Jovelina, Coco Verde e Melancia, A Donzela Teodora, Chegada de Lampião ao Inferno, Zé Pretinho e o Cego Aderaldo, Estória do Negrão André Cascadura e muitos outros cordéis que arrancavam suspiros e lágrimas daqueles mais sentimentais. Vicente era ouvinte assíduo daquelas reuniões literárias e chegava mesmo a decorar trechos de algumas estórias que lhe agradasse de modo particular.

Este encontro com a cultura que Moisés proporcionava de tempos em tempos aos sertanejos da região da Fazenda Quixaba despertou em muita gente o desejo e a disposição de se alfabetizar para que no futuro, pudesse ler também, assim como Moisés, livros de cordéis para a sua família e seus amigos, ajudando dessa forma a combater o analfabetismo.

Dessa forma, após vários dias de euforismo literário na casa dos Marcianos, como tudo tem fim chegava também o dia de Moisés encerrar suas atividades cordelísticas e

regressar para o lar de seus pais na “Parteira”; é dispensável dizer que a partida de Moisés deixava um grande vazio no peito daquela gente que dias a fio ouviu atentamente o desenrolar das tramas daquelas Estórias tão bem narradas pelo seu leitor. Entretanto, ficava a lembrança amena de tudo e a esperança de que em breve Moisés voltaria para novas Tertúlias.

AS FARINHADAS

No período correspondente a década de 40, na região da Quixaba, uma das atividades bastante desenvolvidas era o plantio de mandioca para fabricação de farinha e sua posterior comercialização, o que se tornava um negocio relativamente lucrativo, que juntamente com o cultivo de milho, feijão e fumo proporcionava razoável suporte econômico-financeiro para o agricultor que já contava com outra fonte adicional de renda advinda do criatório de gado que variava em espécie e quantidade conforme as posses de cada um; seguindo o uso e costume consagrados por todos, o avô de Vicente, seu pai e o tio Camilo cultivavam juntos, anualmente, cerca de três hectares de mandioca que transformavam em farinha durante os meses de Setembro e Outubro de cada ano e a partir daí, até Janeiro a fábrica de farinha continuava funcionando para os vizinhos que não a tinham para o processamento do produto final. Diferentemente do que ocorre hoje, onde em todas as comunidades rurais existem fábricas de farinha afora outras de propriedades particulares, naquela época somente os mais abastados possuíam na propriedade casa de farinha como era o caso de seu Zé Lino da Quixaba.

Atualmente, uma fábrica do gênero faz tudo mecanicamente, desde a lavagem dos tubérculos até a torragem da massa para transformá-la em farinha. Entretanto, lá na Quixaba, nos tempos passados, tudo era feito manualmente; era a força bruta que predominava em todas em todas as etapas, desde a arrancagem da mandioca na roça até a conclusão das fornagens que terminava com o ensacamento do produto ainda quente.

A casa de farinha da Quixaba, como todas as outras da época, se constituía de um galpão com mais ou menos 200 metros quadrados, que abrigava o “rodete”, engenhoca composta de uma roda de madeira à guiza de polia que rodava sobre um eixo de 50 centímetros de comprimento e em cujas extremidades se acoplavam manivelas que eram acionadas por dois homens, um de cada lado, que se chamavam de rodeteiros, os quais desempenhavam o trabalho considerado por todos o mais pesado da casa de farinha; esta peça era conectada por uma correia feita com couro cru de boi, a uma distância de 5 metros mais ou menos a outra engenhoca chamada “cevador”, que comandado por uma mulher designada a este fim, a cevadeira, ralava a mandioca já descascada para fazer a massa que em seguida ia para a prensa a fim de perder a umidade e poder ser peneirada para ser levada ao forno, última etapa da fabricação. Todas as peças que constituíam o conjunto da fabrica ficavam dispostas num semi-círculo na seguinte ordem: “rodete”, “cevador”, prensa, cocho para a coleta da tapioca, cocho para a peneiração e o forno; na concavidade da área derramavam-se os tubérculos para que fossem limpos pelas raspadeiras (mulheres contratadas para raspagem da mandioca) e o restante do galpão era ocupado pela cozinha e para a acomodação dos trabalhadores que durante a farinhada se tornavam residentes ali, quais sejam: rodeteiros, preneiro e forneiro. Antes de começar a farinhada propriamente dita, um mês antes, seu Zé Lino já iniciava os preparativos preliminares; botava suadores novos nas cangalhas que estivessem desgastados, comprava caçadores novos ou os mandava fabricar na sua própria Fazenda por Zé Felipe, comprava cestos e ferramentas necessários para o trabalho; contratava com antecipação o pessoal que iria dar andamento nos serviços e daí, no dia marcado todos estavam a postos e o labor começava. A partir de então, para Vicente, para prima Maria e para os demais meninos filhos dos trabalhadores era o início da festa; não paravam o dia inteiro; quando não estavam transportando a mandioca arrancada, da roça para a casa de farinha, o

que era feito no lombo dos jumentos, estavam na fábrica ajudando em alguma coisa que fosse possível criança fazer, ou simplesmente brincando ao redor da casa até o anoitecer. A última fornada da farinha saía do forno cerca de 20 horas da noite, quando então aproveitando o calor que ainda restava no forno, a tia Cecília fazia alguns beijus com tapioca recolhida durante o dia e todos enchiam a barriga com beiju e café, após o que todos se recolhiam para o descanso merecido, pois, um novo dia se aproximava para o reinício das atividades.

Em que pese esse império do trabalho, sempre ficavam alguns notívagos a contarem “causos” diversos e variados envolvendo estórias de Lampião, lobisomem, almas penadas e aventuras que alguns deles já haviam vivenciado através da vida; Seu Enock sempre participava desses serões e tinha um vasto e variado repertório que poderia atravessar a noite sem esgotá-lo e sem cansar os seus ouvintes; era ele um homem lido e corrido na vida como se dizia na linguagem comum a respeito das pessoas cultas e experientes. Se no grupo havia algum tocador de violão, cavaquinho, bandorra ou rebeca, instrumentos comuns nesses encontros, aparecia logo um pandeirista e um cantador e daí a batucada estava feita e prosseguia até a madrugada velha. Eram mestres nessas farras: Tonho de Arlinda, Zé Pequeno, Zé Felipe, Lídio, Bento Ventura, Chico e Titico de Pedão e muitos outros farristas que animavam as noites de farinhada na Fazenda Quixaba.

Ao amanhecer os trabalhos eram retomados e a preocupação voltava a reinar naquele ambiente de gente inculta e simples mas com um profundo sentimento de carinho e respeito pelo seu semelhante e alta dose de responsabilidade e presteza em tudo que lhe dissesse respeito.

Durante o dia, enquanto decorriam os trabalhos, a cantoria de todos era constante, principalmente das mulheres rapadeiras de mandioca, que entoavam algumas modinhas, muitos versos de ciranda, ou ainda algumas ladainhas puxadas por uma ou outra matrona carola, presença não rara durante as semanas de farinhada ali verificadas.

A alimentação apesar de simples era farta; basicamente compunha-se de feijão, farinha e carne, complementada com ovos, macaxeira, batatas e beiju, o que todos comiam com avidez e sem cerimônia o que era natural em face da estafante atividade que desenvolviam.

A convivência com aquela gente durante o tempo em que perdurava era tão agradável e aconchegante que tão logo os trabalhos eram concluídos e que todos regressavam aos seus lares, eram todos invadidos por um vazio nostálgico que se dissipava vagarosamente com o passar do tempo ou com outra farinhada no próximo Setembro.

AS FEITAS DE FUMO

Como já foi dito anteriormente, a economia do Sertão é baseada no cultivo familiar de mandioca, milho, feijão e no criatório de gado bovino, caprino, ovino, suíno, alguns muaras, eqüinos e asininos para a montaria e tração e a avicultura como parte complementar da alimentação da família; porém, em como muitas regiões do Sertão baiano ainda é um grande suporte econômico a cultura fumageira; é o caso do município de Cícero Dantas, onde se localiza a Fazenda Quixaba.

Em que pese tratar-se de uma atividade que requer muito trabalho e especialização de mão-de-obra a fomicultura ainda é desenvolvida por muitos rurícolas que fazem do plantio do fumo (Tabaco) o seu meio principal de subsistência, visto que a lucratividade é garantida e compensa a trabalhadeira dispendida

Tudo começa com a sementeira das sementes, feita em canteiros que após um mês as mudas são transplantadas para o campo que já deve estar devidamente amanhado para receber o plantio; daí em diante os cuidados são incessantes, com capinas, desolha, adubação, pulverização com defensivos e outros cuidados mais, até a época do corte o que se faz para imediatamente dependurar os pés em varais até as folhas ficarem murchas para serem

recolhidas ao depósito onde ficam por alguns dias em curtimento.

Vencidas estas etapas o fumicultor passa a se concentrar na “Feita de Fumo” que é a destalação das folhas já murchas em cuja oportunidade vai-se fazendo as “Manocas” e amarrando-se em molhos de 10 a 15 folhas que se destina ao enfardamento para comercialização imediata ou para a confecção de fumo em corda que se acondiciona enrolada em um “Sári”, para a viração (mudança de um sári para outro) de dois em dois dias, durante dois meses; trabalho pesado, visto que cada sári contém 60 quilos de fumo em corda.

A Feita de fumo é a etapa festiva que todos aqueles ligados à fumicultura esperam acontecer; é um mutirão para onde acorrem todos os vizinhos para ajudar com a mão-de-obra e se refestelarem com os folguedos que acompanham e complementam a programação daquele conagraçamento.

Com antecipação o promotor da Feita de Fumo faz o convite aos seus vizinhos determinando a data do evento; em seguida se previne com os “comes e bebes”, sanfoneiro, rabequeiro, violeiro ou outra espécie de músico qualquer, contanto que haja animação; na data aprazada, tão logo o dia se levanta começa a chegarem os vizinhos e os trabalhos têm início como também a cantoria, as ladainhas, os causos da terra e da gente; de vez em quando uma rodada de pinga é servida para levantar os ânimos festeiros e às vezes um tira-gosto antecipado ao almoço; cai a tarde e o ritmo dos trabalhos não arrefesce, pois tudo tem que ficar pronto até o anoitecer e logo tem início o pagode que não tem hora para terminar.

E este encontro é itinerante; todos que ali estiveram presentes já sabem o dia e em que casa vai ocorrer a próxima “Feita de Fumo” e com certeza, no dia marcado, todos estarão apostos ali para o arremate dos trabalhos fumageiros de mais um vizinho naquele ano.

As “Feitas de Fumo” mais concorridas, principalmente pelo volume de trabalho sempre foram as de João Marciano, Manoel Pinto, Bento Ventura, Joaquim Barnabé, sem contar outros pequenos fumicultores que guardando as devidas proporções, os seus “mutirões” eram também bastante concorridos e movimentavam com a animação dos folguedos o fechamento do ciclo fumageiro de cada ano.

Conforme ocorria com as “Taipas”, as festas do “Zonguê”, e outras festividades que aconteciam na região, o pessoal da Fazenda Quixaba sempre era convidado a participar e geralmente, Dinha, Dona Noélia, Cecília de Senhorzinho, Maria e Vicente compareciam onde eram bem recebidos por toda gente de redondeza que ali se encontrava, cujo prazer do encontro juntava-se ao contentamento festivo da “Feita de Fumo e ao ensejo de rever velhos amigos.

A VIDA SOCIAL

Aparentemente, a impressão que se tem sobre a vida do sertanejo, lá naquelas paragens esquecidas pela civilização é de um isolamento oprimente que cerceia qualquer expectativa de vida mais amena com que aquela gente possa ao menos sonhar; este conceito é reforçado ainda quando consideramos em conjunto, todos os fatores que ali se congregam, a principiar pela instabilidade climática que aflige e atordoia a todos conforme referencias em outros capítulos, passando em seguida pela carência assistencial de saúde, educação, comunicação e muitos outros benefícios que ali não chegam até porque as autoridades competentes do Governo as vezes nem sabem se aquela comunidade existe e se sabem fazer vista grossa e deixam o barco correr à deriva da sorte.

Se é verdade, pois, que os fatores acima cruciam a existência humana lá no Sertão, é ledado engano pensar que aquele povo não tem uma vida social intensa e bastante diversificada,

embora dentro de preceitos modestos conforme a simplicidade de todos que aproveitam os momentos de lazer para amenizarem um pouco as canseiras do cotidiano. Além dos pagodes, das taipas, e das farinhadas, são frequentes também a feita de fumo, a despalha de milho, o batimento de feijão, os Batalhões (o mesmo que mutirão), as novenas em povoados ou em residências particulares em homenagem a algum Santo Orago, casamentos, nascimento, batizados, tudo enfim se comemora com festa harmoniosa e aconchegante. A solidariedade nunca falta seja na alegria ou na adversidade. Em casas de enfermos nunca faltam visitas de amigos que ali afluem levando seus préstimos e calor humano à família amiga; igualmente acontece quando alguém passa desta para outra vida melhor, conforme o conceito que todos tem da morte; aí a solidariedade redobra em visitas, choros, pêsames, condolências e tudo mais que a pessoa possa expressar com ênfase o seu sentimento e a reafirmação de sua amizade. E neste intercâmbio social, muitas famílias passam do amistoso ao parentesco quando alguns jovens contraem núpcias, consolidando mais a união que já existia socialmente.

O calendário de eventos festivos no Sertão é extenso e intenso; o ano inteiro há algo a se comemorar; passando-se pelos festejos do Ano Bem que geralmente é comemorado na Sede do município, vem a Quaresma com sua austeridade cristã que se mescla com credices folclóricas e atávicas lá naqueles rincões inóspitos, onde o temor pelo sobrenatural sobressalta a todos durante a Semana Santa. É uma fé obtusa a dos sertanejos ignorantes sobre os castigos da natureza que Deus impõe aos pecadores e impenitentes; é a reparação dos pecados. O Sábado da Aleluia era como um intróito a uma vida mais liberal, era o início das festas populares que já se manifestavam com as comemorações de São José, São João e São Pedro, época em que em todos os lares e em cada povoado havia uma comemoração, um folguedo, um pagode. Estas festividades coincidiam também com a colheita no Sertão; era a época das “vacas gordas”; a fartura de milho, feijão, abóbora, macaxeira, batatas e muitas verduras, proporcionava a todos tranqüilidade e bem-estar que redundavam no prazer de comemorações coletivas em festejos populares. Outros eventos que embora menos abrangentes por se revestirem de características familiares como eram os nascimentos, batizados, casamentos e óbitos, não deixavam por isto de serem fundamentais no intercâmbio social daquela gente. Para dimensionarmos a importância dessas ocorrências basta dizer que quando uma família estava esperando a chegada de um novo rebento, já se munia com uma dúzia de foguetes para que no dia do nascimento, se tudo fosse bem sucedido, aqueles fogos seriam estourados para que a vizinhança, sem portadores a lhe avisar, tomasse conhecimento da boa-nova e após três dias comesçassem as visitas amistosas, numa demonstração de apreço; o batizado não é muito diferente, pois reveste-se também de expectativa porque a escolha dos padrinhos deveria recair em pessoas de destaque na comunidade, que desfrutasse de consideração e estima por parte dos pais do batizando. A realização do Sacramento só seria efetivada quando houvesse festa no povoado mais próximo, oportunidade em que havia Missa e seriam celebrados todos os atos litúrgicos previstos em oportunidades semelhantes. Já o casamento era mais abrangente e requeria uma maior preparação das famílias envolvidas com as Bodas. Dependendo da projeção dos nubentes e de seus pais naquela sociedade um casamento se transformava num acontecimento que marcava época, dependendo da recepção que se fazia aos convidados e da sua amplitude social.

Finalmente, os óbitos, embora não caracterizasse uma festa, ocorria sempre um grande número de pessoas amigas da família enlutada e as visitas de condolências se prolongavam por dias e dias, até que o tempo fosse arrefecendo vagarosamente a sensação de perda de um ente querido, transformando em lembranças saudações aquele infausto acontecimento.

AS FEIRAS EM BETÂNEA

Próximo à Fazenda Quixaba, na década de 40 do século passado teve início o Povoado que nos primeiros tempos chamavam-no “Cacete Armado” em face das estripulias causadas por muitos freqüentadores das bodegas e bares que se excediam em etilismo, muitas vezes levados por problemas passionais ou pelo entusiasmo das vitórias ou decepção das derrotas que as “peladas” disputadas por times dos arredores causavam nos contendores; quando não isto eram as rixas naturais surgidas nos pagodes de final de semana que os pioneiros do povoado promoviam como meio de angariar recursos para manutenção de seus pequenos comércios; como predecessores do surgimento desse Povoado que em 1945 recebeu o nome de Betânia, topônimo que herdou da Santa Padroeira que ali foi entronizada; foram Antônio de Basílio, comerciante de secos e molhados, Senhorzinho Cula, estabelecido no ramo de tecidos, Joaquim da Serra com material de construção e em torno desses, outros pequenos comerciantes surgiram e a prosperidade foi tão evidente que criaram, no dia de Domingo, uma Feira para onde convergia grande número de feirantes, favorecendo o crescimento comercial dando uma aparente pujança ao Povoado que surgia alvissareiro para a expectativa dos seus criadores.

Aproveitando a oportunidade de ingressar no comércio, tia de Vicente, Camilo da Quixaba, que era exclusivamente agricultor, amealhou algumas econômicas e se estabeleceu ali em Betânia, com uma mercearia além do abatimento de gado durante as feiras dos Domingos. Como as duas atividades eram em locais separados, careciam também de duas pessoas para gerenciá-las e dessa forma, em vez em quando o pai de Vicente, seu “Enock”, irmão de Senhorzinho era chamado por este para dar uma mãozinha no movimento comercial nos fins de semana. Era nesses dias então, que Vicente se espalhava trocando a rotina pacata da Fazenda pela movimentação humana que se derramava pelas veredas, pelos caminhos, pelas estradas e finalmente em todos os recantos do Povoado. Era o dia de feira em Betânia, era um dia de festa para Vicente que desde cedo, ainda na Fazenda se aprestava com diligência esmero para empreender viagem, com o pai, em demanda àquele rincão, montados no velho burro que era o veículo utilitário que se usava para qualquer viagem distante dali. Desde a saída já se encontrava alguém pelo caminho, com o mesmo destino, com quem “seu” Enock entabulava conversas várias, sobre vários assuntos que iam de novidades correntes a temas particulares assim, em todo o percurso encontrava-se sempre algum amigo mais chegado que há muito tempo não se avistavam; nesse ritmo a viagem se desdobrava alegre até chegarem ao destino onde as obrigações de cada um tinham início; no açougue “seu” Enock atendia aos fregueses, ordenava ao magarefe a pesagem de carne desejada, recebia os pagamentos, anotava nomes e valores daqueles que praticavam o crediário e tomava todas as providencias que envolvessem as várias etapas daquela atividade, desde o abate até a última pesagem da mercadoria o que era concluído ainda cedo da tarde.

Enquanto isso, Vicente que já havia se enturmado com alguns meninos conhecidos seus que por acaso foram levados também para a feira pelos seus pais, passavam a perambular não somente pela parte do comércio mas pelo Povoado inteiro, como se buscassem ali, em cada esquina, em cada rua, em cada beco, subsídios para engendrar estórias que contariam em seus lares quando do regresso à noitinha. Vicente era o mais aflito para retornar à Fazenda para contar as novidades a sua prima Maria; às vezes era o tio Camilo que levava Maria e os papéis se invertiam, era ela que voltava carregada de estórias para contar ao primo que a esperava e aguardava ansiosa a reciprocidade de atenção, amizade e carinho que tinham um pelo outro. Assim, os dias passavam enquanto aguardavam outro passeio ao Povoado Betânia.

O EMPREGO DO IBGE

Conforme referências anteriores, até a chegada de seu Enock à Fazenda Quixaba em

1940, Vicente era filho único, não por ter nascido apenas ele; outros três filhos seu Enock e dona Noélia tiveram antes, mas se foram prematuramente levados por causas diversas o que era comum naqueles tempos no seio das famílias de classe baixa, quando não existia como hoje, um programa de vacinação regular e uma assistência médica que se não é a desejada remedeia em muitas situações; outros dois irmãos nascidos depois dele também se foram em tenra idade pelos mesmos motivos já explicitados. Todavia, com a chegada no Sertão a família começou a crescer e em 1947 eles já tinham uma prole; essa mudança no crescimento familiar se deveu sem dúvidas a fatores ligados a uma nova forma de vida que se não chegava ao ideal desejado proporcionava certa tranqüilidade, regime alimentar mais consistente e saudável, clima estável e salubre, entre outras coisas que seguramente agiram de forma favorável para essa mudança que, se favoreceu o crescimento da prole aumentou para eles os embaraços financeiros que surgiram dia após dia o que seria insustentável se em 1943 Seu Zé Lino não houvesse conseguido para o filho, em Cícero Dantas, através de seleção pública, o emprego de Agente Municipal de Estatística, o que proporcionava boa renda e conseqüentemente estabilidade da família.

Era um emprego federal muito promissor, era o IBGE que o Presidente Getúlio Vargas acabava de criar e o estava implantando em todo território nacional sendo uma função que em face de suas peculiaridades exigia do candidato conhecimentos bastante elevados em várias áreas, tais como: Estatística, Português, Matemática, História, Geografia, etc. cujos requisitos ficaram fora do alcance de muitos pretendentes e que Seu Enock logrou aprovação graças ao embasamento cultural adquirido quando em sua mocidade fez os preparatórios para engenharia no Colégio Ipiranga em Salvador-Ba., expoente do ensino no Estado naquela época.

Era uma função de poucos afazeres inicialmente e a repartição iniciou suas atividades com apenas um funcionário, Seu Enock que também era o chefe; assim ficou a seu critério propor a jornada de trabalho que após a apreciação por parte da Diretoria Regional com sede em Salvador, ficou deliberado até disposição em contrário, que haveria expediente às Segundas, Quartas e Sextas-Feiras..

Em face das determinações acima, não foi necessário, inicialmente, vir residir na cidade e ele passou a se deslocar da fazenda para Cícero Dantas, um percurso de 12 quilômetros, à cavalo, todos os dias estabelecidos para prestar expediente, cuja rotina se estendeu até 1947, quando por força legal a Agência teria que funcionar 40 horas semanais e em face desta determinação, teria que se transferir, naquele ano, definitivamente para Cícero Dantas, onde foi mais uma vez lutar com a adaptação da nova vida que iria modificar radicalmente os hábitos de então.

Durante aqueles quatro anos que permearam a nomeação de Seu Enock até a transferência para a cidade era Vicente o arreeiro oficial que nos três dias da semana destinados às viagens profissionais, ia buscar o animal no pasto e o aprontava com todos os arreios, para ele, de terno de “casimira”, chapéu de palhinha, guarda-sol no braço, todo empertigado, tomar a montaria e seguir para o seu expediente enquanto a família ficava lhe esperando à tardinha, para saborear alguns biscoitos e bombons que ele sempre trazia, além de outras compras comuns às necessidades da casa; apeava-se alegre, com aparência de quem cumpriu o seu dever; contava a todos as novidades da cidade enquanto ficava pronto o jantar e Vicente ia desatrelar o animal dos arreios que o cingiam e ia soltá-lo no pasto que ficava a pequena distância da casa.

Depois das obrigações cumpridas, jantavam e após rápido serão familiar, todos se preparavam para dormir enquanto chegava um novo dia, novas labutas, novas esperanças.

Era dessa forma que passava a vida na Fazenda Quixaba.

AS BOIADAS DE SEU ZÉ LINO

Desde quando resolveu encerrar as atividades comerciais em Cícero Dantas e passar a residir definitivamente na Fazenda Quixaba Seu Zé Lino passou a dedicar-se ao comércio de gado e em pouco tempo, graças ao conhecimento e amizade que mantinha com pessoas de projeção não só em Cícero Dantas mas também nos municípios vizinhos, principalmente naqueles em que residiam fazendeiros tradicionais, conseguiu fixar-se com relativo sucesso na atividade de boiadeiro, que na época, em que pese as dificuldades de desenvolvê-la, apresentava-se financeiramente rendosa, tributando ainda ao comerciante, respeito e prestígio no seio da sociedade.

Para tanto passava parte do ano viajando à cavalo, por toda a região, de Fazenda em Fazenda, comprando bois, até que conseguisse um lote que ficasse em torno de 200 a 300 reses, daí, outra etapa tinha início, que era trazer para a Fazenda Quixaba o gado adquirido para ferrá-lo com a marca da fazenda e alimentá-lo de forma a dar-lhe boa aparência e resistência para a viagem que terá de empreender até os centros consumidores.

Enquanto o gado descansava, ele estava em busca de vaqueiros que seriam contratados para tocarem a boiada até o destino definido antecipadamente através de um modesto cronograma que nem sempre era cumprido Dado a imprevistos surgidos durante a trajetória. Era uma jornada que durava sempre cerca de três meses, incluindo-se percurso, estadias em centros comerciais e apuração do capital cujas vendas, às vezes, eram feitas a prazo.

Finalmente chegava o dia da retirada; logo de manhãzinha estavam todos a postos; cerca de dez vaqueiros paramentados com vestes próprias da atividade, com larga experiência de outras viagens, tomavam as posições definidas para o trabalho; à frente o Guia, homem de experiência comprovada na lide, que sabia como poucas pessoas tocar o Berrante e cantar modinhas para puxar a boiada; pelos lados os flanqueadores cuidavam para que nenhuma res se desviasse do caminho, tomando alguma quebrada, se desgarrando do conjunto, e, finalmente, no coice da boiada iam os tangedores e Seu Zé Lino, que determinava a rota a seguir, bem como locais de descanso, pernoite e abastecimento para a vaqueirama: a cancela se abria, o guia tocava o Berrante que soltava aos ares aquele som grave, solene e saudoso, alegre e melancólico ao mesmo tempo, que se misturava com os aboios dos outros vaqueiros e com o mugido e tropel do gado tomando a estrada; em poucos instantes restava apenas a poeira levantada pelo trote dos animais; era um dia de festa na Fazenda, principalmente para a meninada que vivia sonhando com dias assim e que só não eram melhores porque só ocorriam uma vez por ano.

E mais uma vez Seu Zé Lino da Quixaba tomava a estrada com outra boiada para abastecer alguns centros consumidores, fosse na Bahia ou em Sergipe, sempre foi bem sucedido, com exceção apenas de uma dessas viagens, que no Estado de Sergipe, mais ou menos no local conhecido por Chora Menino, entre Paripiranga e Simão Dias aconteceu o estouro da boiada que conduzia; essa ocorrência foi provocada por um curioso postado à margem da estrada, que ao aproximar-se dele a boiada, bateu com o chapéu de couro nas pernas, à moda de vaqueiro e gritou: Eta boiada bonita!... E nesse instante o gado se esparramou na mata e demorou 18 dias para arrebanhá-lo e mesmo assim, se perderam 11 reses. Segundo Seu Zé Lino, o trabalho e as despesas foram grandes, mas nada de forma a prejudicar a continuidade do negócio e no ano seguinte La estava ele no coice de uma nova boiada para negociar mais uma vez em Sergipe.

Exercendo esta atividade, ele continuou até 1946, ano em que empreendeu sua última viagem retirando gado para outros centros consumidores, pois se tratava de uma atividade que exigia muita disposição e resistência e ele, já com 78 anos de idade não tinha mais a desenvoltura de antes para desempenhar a contento o seu mister e resolveu limitar as suas

atividades ao âmbito da Fazenda, onde veio a falecer em 1961 aos 93 anos de idade. Com ele também fechou-se o ciclo das grandes boiadas que demandavam daquela região para outros centros comerciais mais desenvolvidos.

DINHA, A MÃE DE TODOS

Anteriormente foi feita uma rápida referencia a Dinha, a sobrinha que seu Zé Lino e Dona Mariana adotaram ainda adolescente e que desempenhava no seio da família papel importante na manutenção do bem estar de todos. Esta era a Dinha serviçal, pois, a humana, paciente, carinhosa, vamos conhecer agora com alguns comentários sobre ela.

Difícilmente faltava ali na Fazenda alguma coisa importante, alguma tarefa diária para Vicente fazer, completando os afazeres do seu pai e de seu avô. Quando isso, porém, não acontecia, ele acompanhava Dinha em todos os seus labores costumeiros, fosse no abastecimento de água para o gasto da casa, no recolhimento de lenha no mato, na lavagem de roupas na fonte da Serra ou no tanque de joá, ou mesmo na luta diária da cozinha, ele sempre ficava em torno dela, conversando amenidades, fazendo perguntas curiosas que às vezes ficavam sem respostas face suas peculiaridades, ou mesmo dando uma mãozinha em algum serviço. Ele gostava realmente de ficar com ela o tempo que fosse; era uma pessoa diferente; do alto de seus cinquenta e poucos anos, sem nunca haver tido um namorado sequer, embora lhe tenha surgido vários pretendentes que eram recusados com indiferença, revelava-se uma mulher altiva, inteligente, reservada, responsável, sem sonhos e ambições mirabolantes que lhe povoassem a cabeça era entretanto, um Anjo de ternura e de amor; a paciência e carinho com que ela cuidava das crianças era simplesmente de uma mãe carinhosa que se desvelava de corpo e alma para a bem estar e segurança de sua prole; era arrimo, tutela e proteção incondicional contra algum castigo imposto pelos pais, se praticassem algum desatino; ela não vacilava, enfrentava a todos, os recolhia em sua volta e os colocava a salvo de qualquer punição.

Mas não somente com as crianças Dinha era afetuosa; seu amor era distribuído equitativamente para toda família, começando por aqueles que ela cuidou desde crianças, ajudando tanto na criação como na educação de todos; por isso, era considerada não como prima, mas uma segunda mãe, merecedora de todas as reverências e respeito.

Em que pese a forma de vida que ela levava, aparentemente tranqüila e sem problemas, às vezes podia-se concluir que ela era uma pessoa mais resignada do que feliz; o seu olhar, em alguns momentos, vago e profundo, deixava transparecer alguma mágoa da vida, alguma frustração de sonhos em balados na mocidade, alguma ilusão perdida no vórtice do tempo, enfim, quimeras que feneceram ao sopro gélido da realidade, deixando apenas lembranças suaves entremeadas de recordações que esmaeceram ao rigor dos anos.

Assim vivia Dinha como partícipe dos mais importantes da família por tudo que fora antes e pelo que representava para todos naquela época.

Em 1947, já beirando os sessenta anos de idade, Dinha começou a enfraquecer, não tinha mais aquela disposição incontida de fazer as coisas como se tomados de um cansaço constante e impertinente; eram os primeiros sinais da velhice; achaques começaram a lhe acometer mais freqüentemente; os remédios receitados serviam apenas de paliativos, pois com o organismo já bastante debilitado, sem resistência para reagir não tardou a se acamar e teve que ser removida para a casa de Dona Sinhá, irmã de Enock, em Cícero Dantas, onde foi constatado que ela era portadora de Amarelão (ancilostomose), doença de tratamento difícil em face dos poucos recursos médicos daquela época. Apesar dos esforços despendidos pela família, a doença cada dia mais se agravava e no dia 17 de agosto de 1947, Dinha passava para outra dimensão, deixando todos saudosos de sua companhia, de seu afeto e de seu amor.

Diante desse infausto acontecimento, abriu-se um vazio aterrador na Fazenda

Quixaba; a ausência de Dinha era sentida em todos os momentos e em todos os recantos da casa; era uma saudade profunda que oprimia e entristecia a todos pela convicção de que ela não voltaria mais.

Dois meses depois, estava seu Enock com sua família mudando-se da Fazenda da para Cícero Dantas, deixando para traz a velha casa onde viveram felizes por longos anos. Seu Zé Lino e Dona Mariana, apesar da idade avançada, preferiram ali permanecerem em companhia de Ana de Valeriana, conhecida da família, que mediante pagamento passou a cuidar dos velhos fazendeiros até a morte.

ASSISTENCIA MEDICA NO SERTÃO

Até fins da década de 40, entre vários problemas que afligiam a população sertaneja, os mais cruciais era a alta taxa de natalidade e de mortalidade que se verificava no seio daquela gente que se ressentia de uma assistência médica que remediasse as mais rudimentares necessidades profiláticas e curativas de que eram carentes todos. Para termos uma dimensão da gravidade dos fatos basta dizer que num raio de 60 quilômetros havia apenas dois médicos: um em Cícero Dantas, Dr. Ivo Gonçalves, que apenas clinicava e outro em Caldas de Cipó, Dr. Guerra, que além de clinicar operava e desenvolvia todas as atividades inerentes à profissão médica, inclusive a oftalmologia. Como não havia Previdência Social nem qualquer sistema de saúde que atingisse com benefícios a classe social menos favorecida financeiramente; receitar-se com um médico era privilégio de poucos, pois, os raros profissionais existentes exerciam suas profissões de forma particular, em seus consultórios, cobrando pela receita um valor determinado, o que para a maioria absoluta da população era algo inatingível. Em face disto, muitas vidas se perdiam em todas as faixas etárias, ocorrências que eram aceitas dentro da sociedade com um conformismo natural de resignação. Quando alguma pessoa se acamava em decorrência de alguma enfermidade grave e que a família dispunha de algum dinheiro, o máximo que fazia era ir à Farmácia e consultar o Boticário sobre os sintomas da doença, e este, com a prática já adquirida através dos tempos, receitava algo que na maioria das vezes pouco resultado trazia para a melhora do doente. As doenças mais comuns para os recém-nascidos, além do mal de sete dias, que não era senão o tétano umbilical, provocado sem dúvida pelo modo como era tratado o umbigo da criança, com sarro de cachimbo até a cicatrização se antes a criança não morresse; eram ainda causas de óbitos, com muita frequência para outras faixas etárias, o Sarampo, a Catapora, Coqueluche, a poliomielite, além da desnutrição que era comum em quase todos os lares de família pobres. Entre os adultos os óbitos ocorriam com frequência em face de colapso, enfartos do miocárdio, diabetes, entre outros motivos que passam pela dieta mal administrada, muito comum entre aquela gente, favorecendo a obesidade, causa primordial de todos os males ali verificados.

Dentro deste contexto social, o campo era favorável à proliferação crescente, de mezinheiros, benzedores, rezadores e até mesmo feiticeiros que se aproveitavam da credulidade ingênua daquela gente simples para tirar proveito através do charlatanismo e mistificações. Entre estas pessoas lembro-me de Dona Raimunda do Saco dos Negros, Feiticeiro famosa em toda região; vivia de casa cheia de consulentes vindos às vezes de muitas léguas de distância, inclusive de outros Estados, em busca de fazer algo que pelas vias normais não conseguia, ou mesmo desfazer alguma problema mal resolvido que lhe atravancava a vida e mudava seu destino. Dona Raimunda tinha jeito pra tudo; fazia e desfazia casamentos; tratava de doenças incuráveis na época como era o caso de câncer, a catarata, a hanseníase, o diabetes, e prometia solução até o momento em que o paciente sucumbisse à enfermidade; as promessas de cura continuavam se desdobrando em seu Terreiro através de rezas, meizinha, despachos e tudo mais que tivesse ao seu alcance para

enganar os incautos e lograr as vantagens financeiras pretendidas. Foi igualmente famoso o senhor Ladisláu do Mato do Velho que se sobressaiu perante a credulidade pública graças às suas famosas garrafadas, feitas com raízes, folhas e sementes de plantas silvestres da região, as quais ele afirmava serem infalíveis para todos os males. Destacaram-se também, como rezadores e benzedores, seu Nenê do Tubarão e Duninha da Barriguda, que operavam milagres através de suas rezas e eram reverenciados por todos que acreditavam incondicionalmente na força de suas orações.

Somente a partir de 1948, Cícero Dantas foi dotada com um posto de Saúde mantido pelo Estado, o qual contava com um médico e três enfermeiros e alguns remédios mais comuns para distribuição gratuita. Não resolveu todavia o problema de saúde do Município de modo satisfatório, entretanto, foi a melhor solução que poderia ter surgido dentro das circunstâncias não se faziam efetivas através de dados pelo poder governamental.

E dessa forma continuou vivendo o sertanejo, sempre na esperança de um futuro melhor.

OS MESTRES DE TUDO

Naqueles idos tempos que enfeixaram as primeiras décadas do século XX, quanto a tecnologia despontava tímida e raquítica em relação as necessidades humanas que sempre crescentes e ambiciosas, desejavam maiores conhecimentos que abrangessem e suprissemos anseios da época, fazendo face à carência desses fatores, uma atividade econômica já existentes desde tempos remotos tornou-se dominante no ambiente produtivo do setor rural. O artesanato. Nada se podia sem a participação decisiva do Artesão que abarcava todos os ramos de atividades produtivas que satisfizesse as necessidades daquela gente. Embora não tão bem remunerado este labor tributava aos Artífices respeito e consideração por parte da comunidade em que viviam, proporcionando-lhes uma existência que embora modesta, garantia-lhes, sem apereios, a sobrevivência familiar com dignidade.

Foi assim, que na minha infância, na Fazenda Quixaba, Vicente teve a oportunidade de conhecer os melhores Artesãos da região que prestavam serviços avulsos a Seu Zé Lino e a quantos os procurassem, desde quando, algo de maior relevância precisasse ser reparado e necessitasse de mão-de-obra mais requintada.

Todos os anos ,quando se aproximava a época da Farinhada (fabricação de farinha de mandioca), meses antes, Seu Zé Lino e seu filho Enock, já começavam em dias de folga, a recolher cipós na mata para a reforma dos “caçuás” e cesto para a cata e transporte dos tubérculos de mandioca da roça para a casa de farinha; assim que fosse acumulada quantidade suficiente daquele material, contratava-se, com antecedência, um mestre cesteiro que no dia aprazado estava apostado para dar início ao serviço acertado, quando já estavam à sua disposição os cipós devidamente encharcados durante três dias, dentro d'água para ganharem flexibilidade, e as “arreas”, varas mais espeças que os cipós, igualmente flexíveis que permitissem dar forma aos “caçuás” e cestos. Para cumprir a tarefa de confecção desses acessórios geralmente seu Zé Lino contratava os serviços do Artífice Zé Filipe, homem conhecido em toda região pela qualidade esmerada de seu trabalho, que era desempenhado com habilidade e mestria singulares, nada deixando a desejar na perfeição de tudo. Não bastasse o desempenho satisfatório de seu Zé Felipe em seu mister e como era necessário alguns dias para a conclusão dos serviços, tendo que pernoitar na Fazenda, ele sempre trazia à tiracolo a Rebeca, instrumento que também demonstrava boa desenvoltura e que aproveitava, para divertir à noite, no alpendre de seus anfitriões, enquanto batia dois dedos de prosa e pitava seu cigarro de palha até chegar a hora de todos descansarem.

Não é necessário dizer que tudo isso divertia muito a menina da Fazenda que só

descansava após os últimos acordes chorosos e melancólicos da Rabeca o que deixava saudades a todos após a conclusão daquelas atividades e que tudo voltava ao normal.

Outro Artesão que seu Zé Lino costumava contratar de tempos em tempos para executar reparos nas cancelas da Fazenda era o Mestre Emídio; este senhor de aspecto conservador e austero, vivia em companhia de uma filha balzaquiana, Alzira, que a sorte negando-lhe um casamento reservou-lhe a missão de cuidar do pai viúvo pela vida afora; nessas circunstâncias o Mestre Emídio levava uma vida quase monacal não fosse sua profissão de marceneiro de cancelas que exigia dele presença em diversas Fazendas onde quer que houvessem cancelas para confeccionar ou reformar, teve deste forma que se torna mais comunicativo e social, pois no que diz respeito a qualidade de seu ofício já tinha renome e fama necessários para lhe dar tranqüilidade de sobrevivência; bastava alguém dizer que ia contratar Mestre Emídio para fazer algumas cancelas logo surgiu quem tivesse algum elogio a fazer, face experiência já vivida.

Dessa forma conduzia sua vida sem muitas aspirações, até o dia em que Deus o chamou para o eterno descanso dos justos.

Com renome firmado no seio da opinião pública como mestre artífice, quem viveu a primeira metade do século XX, na região da Fazenda Quixaba, não poderia deixar de conhecer o Mestre Olegário do Rancho; carpinteiro cuja profissão não lhe ocultava segredos e ninguém sabia desempenhá-lha melhor que ele; graças pois, à sua competência, atravessou a vida sem maiores atropelos, criando sua prole constituída de mulher e sete filhos numa vida simples porém com dignidade. Na sua atividade ele fazia tudo; quando contratava uma obra estava também incluída a tarefa de tiragem da madeira da mata para fazer as peças e serrar o tabuado e ripas, cujo material lhe serviria para a cobertura de teto e confecção e assentamento de portas e janelas; como não haviam serras elétricas e outros apetrechos auxiliares mais sofisticados, o trabalho era exclusivamente manual demandava semanas e até meses dependendo do volume da obra.

Na Fazenda Quixaba o mestre Olegário trabalhou algumas vezes enquanto seu Enock residia ali; entretanto, pelo serviço ser de pequena monta Mestre Olegário se demorava apenas duas duas ou três semanas, tempo suficiente para a conclusão da tarefa desejada e num determinado fim de semana fazia-se as contas da empreitada, conferia-se os trabalhadores e lá voltava ele para sua casa e já na outra semana estava rumando para outra Fazenda, dando continuidade aos seus afazeres.

Um Artesão de respeito em todo município de Cícero Dantas foi o mestre Napoleão, versado em qualquer trabalho em ferro, desde peças que exigissem manuseio mais delicado até serviços grosseiros como colocar barras de ferro nas rodas dos carros-de-bois; não era segredo para ele fazer liga de vários metais ou dar tempera ao ferro ou aço, de acordo com a sua utilidade; por incrível que pareça ele fez uma bicicleta e uma máquina de costura, entre as várias geringonças que construiu através da vida; fabricava toda ferramenta necessária para as atividades agropecuárias, inclusive arados com tração animal; era um inventor nato, mas o atraso e ignorância da época impediram a divulgação e melhor aproveitamento do potencial que sua capacidade criativa e criadora faziam brotar da curiosidade de um homem analfabeto; vivendo envolvido com suas invenções, sem esposa e com poucos amigos, não tardou que se desse ao alcoolismo e alternando fases de lucidez com fases etílicas atravessou mais da metade de sua vida respeitado como um gênio mais desconsiderado muitas vezes pelo vício que o arrastou ao fracasso.

Morreu pobre e solitário, lembrado apenas por alguns amigos que o admiravam em vida.

Era um fanfarrão, um loroteiro, um gabola de primeira categoria; as suas façanhas

como pagodeiro na mocidade eram tão extravagantes e decantadas que se supunha um enredo de ficção; em termos de valentia era insuperável nas contendidas em que se envolvia; em conquistas, era um galanteador competente e infalível; enfim, mestre Joaquim Paulo se arrimava de várias qualidades mas que todos já sabiam, era tudo um pé de conversa para um papo animado e descontraído, como sempre acontecia quando ele aparecia, em fins de semana, lá na Fazenda para prostrar com os donos dali e tomar alguns tragos; porém, nem tudo era fantasia na vida daquele homem, pois, em se tratando de trabalhos em couros e peles, não havia na região, nem mesmo na cidade, alguém que no ramo de seleiro, sapateiro, arrieiro e outras coisinhas mais, soubesse trabalhar com a desenvoltura e competência do Mestre Joaquim Paulo; quem quisesse uma sela bem feita e confortável teria que ser fabricada por ele; assim como um par de alpargatas, botas ou rolos, sem contar com todos os arreios para cavalgaduras, chapéus de couro, bainhas de facões, facas e revólveres, cartucheiras, gibões e tudo mais que pudesse ser confeccionado com o material acima citado, o qual ele mesmo dava o curtimento com ascas de angico e o tratava com azeite de dendê e algumas anilinas para emprestar ao material algum colorido se necessário.

Com o renome que adquiriu através dos tempos, não lhe faltavam serviços e as encomendas se multiplicavam não fosse o auxílio de sua filha Rosalva que aderiu a profissão do pai e porque não dizer, herdou a vocação por aquele mister.

E quando seu Enock mudou-se da Fazenda em 1947, ainda deixou o Mestre Joaquim Paulo em sua propriedade no Baixão, onde viveu ainda por longos anos, sempre sufocado com a demanda de encomendas de seu artesanato que lhe rendeu, ao longo da vida, mais fama e respeito do que recursos financeiros para uma velhice tranqüila.

Bobó foi um marceneiro que viveu também naquela época, homem respeitável, com grandes amizades, prestativo e honesto; residia em uma pequena propriedade entre o Tubarão e o Saco dos Negros, onde se estabeleceu com a sua oficina de marceneiro. Embora sua propriedade mantivesse alguns animais de criatório e desenvolvesse ainda a atividade agrícola, considerava tudo isso um meio adicional de renda que de certa forma ajudava em seus negócios, cujo item principal era a marcenaria. Ali ele fabricava tudo que se referisse a movelaria como sejam, bancos, cadeiras, mesas, camas, guarda-roupa, cabides, sofás, armários e tudo que representasse mobília para uma casa; até corro-de-bois mestre Bobó fabricava. Naquela redondeza praticamente não havia uma residência que nela não houvesse alguma de madeiras que não fosse de fabricação dele. Levava uma vida asoberbada para atender as encomendas que recebia constantemente.

E o Mestre Bobó atravessou a vida, em sua fase produtiva, fazendo o que gostava e na sua arte era na verdade um criador de novas técnicas e inovador de estilos.

Em 1990, em passeio pela região da Fazenda velha da Quixaba, onde Vicente morou nos tempos de criança, por acaso se deparou com Mestre Bobó, bastante velho e sofrido pelas contingências da vida, morando em uma modesta casinha à beira da estrada, onde tinha uma Quitanda de gêneros alimentícios e bebidas. Foi uma alegria indescritível com que Bobó recebeu seu visitante; naquele momento, sem dúvida, para ele, Vicente representava um trecho feliz de sua vida, quando nos idos da década de 40 ele ia aos Domingos palestrar na Fazenda e como era natural, tomar alguns tragos da “branquinha”; naquelas oportunidades, as crianças lhe pediam a benção e ouviam respeitosamente as suas estórias.

Depois de conversarem bastante e divagarem sem limites pelas plagas infinitas da imaginação e lembranças, se despediram, tendo antes que brindaram festivamente aquele encontro com uma cachacinha com casca de pau, entre risos e abraços como se tivesse se despedindo pela última vez.

De fato, meses depois, chegou a notícia que Mestre Bobó havia passado desta vida para a eternidade.

Outros artesãos que também fizeram história podemos citar o Senhor Rosendo, conhecido por todos como Rosendo cerqueiro, que na região ninguém lhe igualava na confecção de cercas, fosse na perfeição ou ainda na rapidez com que se desincumbia da sua tarefa. Por essas razões nunca lhe faltou trabalho e conseqüentemente, recursos financeiros para a subsistência de sua família.

O Senhor João de Coló, se destacou também, trabalhando com palhas, fabricando vassouras, abanos, esteiras, chapéus, sacolas (bocapiu), cuja produção era vendida na feira de Cícero Dantas ou para a vizinhança que lhe fazia encomendas. E nessa lida no Mestre João de Coló atravessou a vida de forma modesta, mas, com dignidade.

Finalmente fazemos menção ao Senhor Bento Ventura, o taipeiro mais famoso daquelas plagas. Fosse rico ou pobre, quem quer que fosse, quando desejasse levantar uma casa e considerando que na época não havia blocos para erguer a taipa, trabalho já referido em capítulo anterior. Nesse serviço, ninguém mais que Bento Ventura, sabia fazer. Assim, quem não pudesse lhe pagar os serviços e se quisesse fazer uma casa, teria pelo menos lhe pedir orientação.

Até a sua morte, Bento Ventura atravessou a existência dividindo suas atividades com a roça, um pequeno criatório e a Taipa que se tornou um tema festivo regional.

JOÃO DE DONA

Próximo à Fazenda Quixaba, no lugar denominado “Barriguda”, morava um pequeno fazendeiro chamado Manoel Pinto, muito amigo de povo da Quixaba, pai de uma prole de 10 filhos que os criava e os matinha com renda de um pequeno criatório bovino, caprino e ovino, cujo manejo e trato eram prestados pelos filhos homens em número de seis, que também implementava as tarefas ligadas à agricultura que consistia no cultivo de milho, feijão, aipim, mandioca, batatas e algumas frutas cíclicas como melancia, abacaxi, banana e outras de somenos importância; esta força de trabalho que os pequenos fazendeiros da região tiravam dos filhos, era recompensada apenas com um minguaço pão-de-cada-dia e casa para morar; educação, essência de progresso de qualquer família, era considerada não somente por Manoel Pinto, mas pela maioria absoluta do povo da região como condição desnecessária para sobreviver com dignidade e respeito no seio da comunidade; conceito este, que pelo menos Zé Cula e Paulino Redeiro abominaram e em épocas diferentes contrataram professoras leigas para alfabetizarem seus filhos e mais alguns meninos da vizinhança que tivesse mente mais aberta para o problema da educação; como exemplo Vicente foi beneficiado com os ensinamentos preliminares que a Professora Tónica, contratada por Seu Paulino, conseguiu transmitir a todos os seus alunos o seu pequeno cabedal pedagógico com dedicação e amor, desvelo e abnegação; isto porém foi o que não aconteceu com seu Manuel Pinto que não cogitou, nem mesmo de longe, alfabetizar os seus filhos, mesmo por que, os tirando para a Escola, ficaria sem a sua força do trabalho, circunstância em que não teria condições de tanger os trabalhos da propriedade, correndo o inevitável risco de empobrecimento por falta de mão-de-obra, já que o capital era insuficiente para a manutenção da propriedade. As filhas que eram em número de quatro, não ficavam atrás em obrigações familiares; pois, a cargo delas ficavam a limpeza da casa, lavagem de louças, lavagem de roupas, ordenha dos animais de pequeno porte e em alguns casos, ajuda nos tratos culturais da lavoura.

“Seu Mané Pinto” como era conhecido por todos na redondeza, era casado com Dona Maria das Graças a quem todos a chamavam de “Dona”; Dona de Mané Pinto que nas horas vagas era rezadeira de mal olhado, quebranto e outros achaques que a credice da gente

simples daqueles tempos, mais do que hoje, levava ao extremo da fé; praticava também a atividade de parteira. Em face de ambos serem primos carnais e, por conseguinte terem um grau de consanguineidade muito elevado, dos dez filhos que tiveram, dois eram portadores da Síndrome de Down (Portadores de Necessidades Especiais), João e Irene; essa última era inclusive afilhada de Dona Noé lia, quem de tempos em tempos, fazia visitas amistosas àquela família, dias em que Vicente divertia-se bastante em brincadeiras com os dois filhos mais novos do casal, Pedro e Amorzinho. As vezes acontecia encontrarem ali outros vizinhos que como eles procuravam espairar as preocupações da labuta diária nesses congraçamentos singelos mas que se tornavam uma festa para os corações de todos.

Em uma dessa visitas coincidiu encontrar-se em casa de Seu Mané Pinto, fazendo visita também, Dona Maria de Patula que além de ser sogra da filha mais velha da família - Maria- era também madrinha de João, um dos portadores de necessidades especiais, cuja feiura era cantada em prosa de versos, por todos na região. Pois bem, foi neste dia, afastado da casa uma boa distância, que Dona Mariana de Patula, encontrou-se, em uma curva de caminho, com João seu afilhado e apenas o avistou, foi compelida instintivamente por um pavor repentino e exclamou:

– João meu filho, o que aconteceu com você? Alguém lhe bateu pra você tá chorando neste jeito?...

E João simplesmente, como se nada tivesse acontecido, respondeu:

– Não Madrinha Maiana, eu tô é açando gaça...

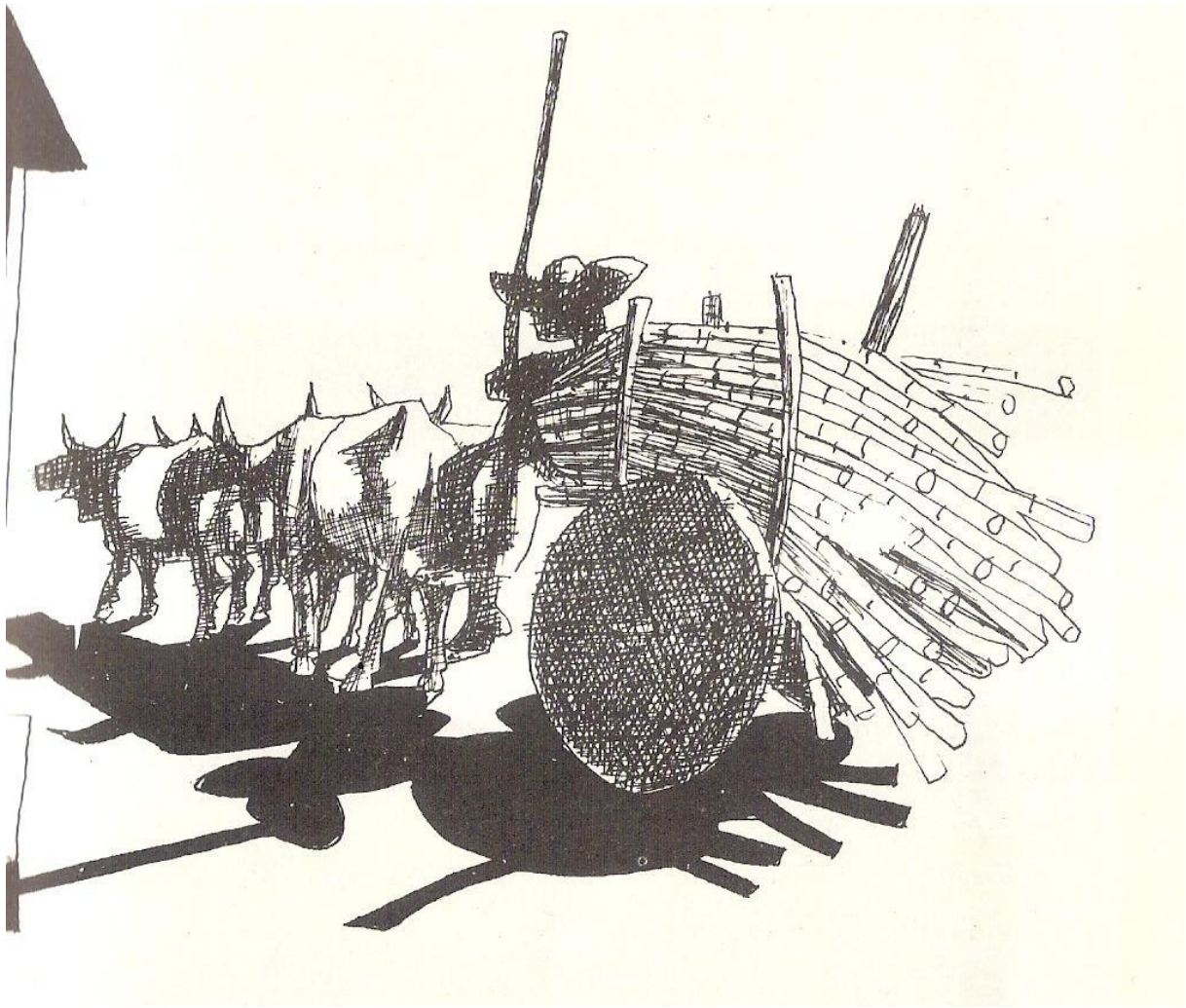
Essa resposta de João naturalmente tranquilizou a Madrinha, embora lhe tenha deixado desconfortado pelo despropósito da pergunta dirigida ao afilhado, mesmo sabendo que entre rir e chorar não havia diferença nos trejeitos faciais de João.

Em outra oportunidade, quando Dona Noélia mais uma vez visitava a comadre “Dona”, durante as brincadeiras com Pedro e Amorzinho, eles contaram, sigilosamente a Vicente, com um misto de revolta e vingança, que na segunda-feira passada Seu Mané Pinto foi à feira em Cícero Dantas se abastecer dos gêneros de primeira necessidade e entre esses incluiu um quilo de requeijão que cuidou de esconder dos filhos reservando-o, para saborear, juntamente com Dona, quando todos já estivessem dormindo; assim dito, assim feito; tão logo se estabeleceu o silêncio em toda casa, Mané Pinto e Dona, sorratamente demandaram para a cozinha como era comum na região, levando o requeijão e um pacote de pão; foram fazer o café para se banquetear logo em seguida; enquanto Dona esperava a água ferver para coar o café, Mané Pinto colocou o requeijão sobre uma trempe (conjunto de três pedras à guisa de fogão, sobre as quais panela repousava sobre a lenha incandescente para cozinhar a comida), tudo isto ao rés do chão, num primitivismo chocante para todos que apresentasse um grau cultural mais elevado diante daquela gente. Enquanto Dona se matinha absorta com a preparação do café, Mané Pinto foi ao terreiro satisfazer suas necessidades fisiológicas e neste meio tempo, enquanto um e outro se ocupa com seus devaneios famélicos, um dos cães da família, vagarosamente entrou na cozinha e surrupiou o requeijão dos sonhos e fantasias que embalavam a conspiração dos dois, que foram dormir frustrados e quem sabe, com a consciência carregada de remorsos pela traição perpetrada contra os seus filhos.

Fatos assim, conforme os que foram acima narrados não eram ocorrências isoladas entre as gentes daqueles tempos; o modo de vida da maioria da população estava mais próximo aos regimes das Tabas e Senzalas do que estão mais próximos, culturalmente o homem e o macaco. Infelizmente estórias assim ocorriam infinitas vezes e poderiam ser testemunhadas por quem empreendesse andanças pelas vizinhança da Fazenda Quixaba, e hoje mais de 60 anos são decorridos e uma triste constatação pode ser feita, não mudou muito o modo de vida, principalmente para a camada mais pobre do sertanejo esquecido pelo poder público.

Resta todavia, a esperança de que um dia algum político ressurgirá como a Fênix, e

proporcionará àquela gente sofredora melhores dias.



O transporte do Sertão

O ADEUS A FAZENDA QUIXABA

Foi em Novembro de 1947 que seu Enock e sua família se mudaram da Fazenda Quixaba para a cidade de Cícero Dantas; foi um dia de tristeza para todos face o apego que seu modo de vida, onde ao longo dos anos granjearam amizades, desenvolveram projetos e criaram perspectivas para o futuro, enfim, aprenderam a amar aquele modo de viver embora modesto satisfazia a todos, emprestando respeito e dignidade no seio daquela gente simples da comunidade. Entretanto, morar na cidade além de ser um sonho acalentado por todos era também um imperativo circunstancial que envolvia não somente a atividade profissional de seu Enock, mas também a necessidade de oferecer estudo à sua prole, (6 filhos) que já carecia de alfabetização naquela época.

Finalmente chegou o dia da mudança; ainda de madrugada o carro-de-bois de Bobó, um amigo da família, guiado pelo carreiro Chico Benevides, estacionou à frente da Fazenda; como o propósito era viajar o mais cedo possível para evitar que as crianças sofressem com o Sol de meio dia não houve então tempo a perde; assim, a bagagem que teriam de levar, que não era grande, foi logo colocada no transporte e após se despediram de todos em meio de muito choro e muitos abraços, deu-se início a viagem com destino a Cícero Dantas; foi um momento crucial para eles em que pese a certeza de estarem buscando dias melhores para todos, foi doloroso deixar tudo pra trás; o carro-de-bois iniciou viagem e enquanto os últimos acenos dos parentes que ali ficavam desapareciam na primeira curva do caminho, Vicente perdia-se em pensamentos saudosos e se perguntava: - por que sonhou ardentemente com o dia de poder ir morar na cidade e quando este dia chegou, algo se lhe constrangeu dentro do peito e a vontade era dizer que não queria ir mais; as lembranças da Fazenda voluteavam na

memória de todos e se desenrolavam na tela do tempo, como um filme retrospectivo da existência; e todas essas lembranças se tornaram mais queridas e mais saudosas principalmente pela convicção que tinha a respeito da vida mais fácil, com mais conforto, com menos atribulações; mas em contrapartida não iam ter aquelas alvoradas sertanejas, que se levantam sutis e calmas se derramando suavemente sobre as manhãs radiantes de sol; não teriam aquele gorjear festivo da passarada canora que enchiam de melodias enternecedoras os campos e as matas e porque não dizer, os nossos corações, e enquanto os bois arrastavam morosamente o carro que chiava melancólico sobre os “cocões” do velho eixo azeitado com óleo de ouricuri e à proporção que a distância da velha Fazenda aumentava mais aumentava também o vazio que se estabelecia em todos, de maneira inexorável, sufocando de saudades a alma e o coração; já

não se ouvia mais o cantar dos pássaros, o mugir dos bois, o relinchar dos eqüinos, o fretenir das cigarras, o farfalhar das ramadas ao sopro acariciante da brisa primaveril; afinal, a vida da Fazenda é uma página virada; tudo é passado; tudo, é lembrança, tudo é saudade.

Finalmente chegaram a Cícero Dantas após uma viagem de 6 horas, quando foi coberta uma distância de 12 quilômetros, percurso que separa a Fazenda da cidade; após a acomodação de todos e de tudo no novo lar, passaram a revigorar as energias para enfrentar uma nova rotina de vida completamente diferente daquela que até então haviam experimentado.

Daquele dia em diante a Fazenda Quixaba passou a ser apenas uma grata recordação que embalou os sonhos de criança e deixou plasmada em Vicente uma consciência de vida bastante

ortodoxa e uma coerência e equilibrada nos valores naturais da existência, tudo absorvido por ele com simplicidade, humildade e amor.

GLOSÁRIO

Adejam – Esvoaçam, Voejam, pairam.

Aprestava – Aprontava, aparamentava;

Aprisco – Curral, albergue para ovinos e caprinos.

Atávico – Produzido por atavismo; qualidade de transmissão de caracteres aos não descendentes.

Aurifulgente – Brilhante como o ouro.

Berrante – Instrumento sonoro usado por vaqueiros para conduzir o rebanho.

Botija – Riqueza enterrada antigamente por alguém, que era doada a um amigo após a morte.

Canícula – Calmaria, marasmo.

Caritó – Lugar imaginário destinado às moças que não casavam; que ficavam pra titia.

Cassuá – Recipiente feito com cipó, em forma de cesto.

Cocões – Peça de madeira no assoalho do carro-de-bois, onde gira o eixo e provoca o som

Característico daquele veículo.

Concertina – Instrumento musical da família do acordeão, muito em voga nos bailes sertanejos, da primeira metade do século passado.

Dissoluta – Devassa, mundana.

Empertigado – Aprumado, direito, soberbo.

Entabulava – Preparava, começava.

Esquálidas – Desalinhas, imundas, sórdidas.

Estripulia – Diabruras, bulhas.

Inaudito – Que nunca se ouviu dizer ou falar.
Incomensurável – Desmedido, imenso, que não se mede.
Inefável – Que não se pode exprimir por palavras.
Intróito - Começo, entrada principal.
Ledo – Risonho, contente, alegre.
Libertinagem – Desregramento de costumes, devassidão, licenciosidade.
Manocas – Molho de folhas de fumo destaladas e amarradas para enfardamento.
Melífera – Que produz mel.
Miscigenação – Mistura de raças, cruzamento inter-racial.
Modorrento – Estúpido.
Monacal – Relativo a monge ou à vida monacal ou em mosteiro.
Notívagos – Que vagueiam nas caladas da noite.
Obtuso – Rude, estúpido, torto.
Orago – Santo protetor ou que dá nome a uma Igreja.
Pandos – Cheios, encurvados, enfumados.
Paradoxo – Opinião contrária à comum.
Persignam – Fazem o sinal da Cruz.
Pósteros – Futuros vindouros.
Prelúdio – Iniciação, prenúncio.
Quiméricos – Que toma a fantasia como realidade
Ressabiados – Desconfiados, espantados.
Rurícolas – Agricultor; quem vive do campo.
Sári – Peça de madeira roliça, destinada a enrolar o fumo em corda.
Úmbrias – Localidades sombrias, penumbrosas.
Vi rente – Que verdeja.
Vórtice – Turbilhão, voragem.